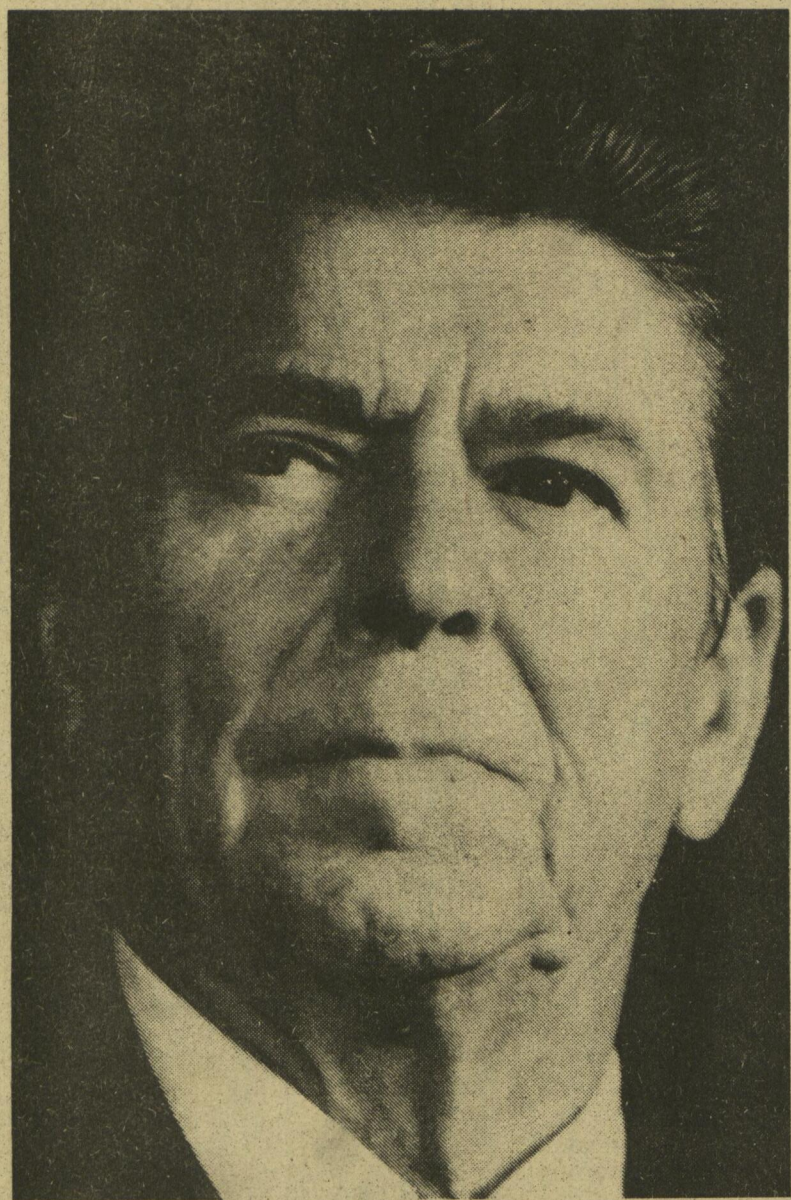


Tribuna da Luta Operária

ANO IV — Nº 96 — DE 22 A 28 DE NOVEMBRO DE 1982

Cr\$ 50,00



Ronald Reagan, o carrasco do povo salvadorenho, chega ao Brasil dia 30

Reagan vem aí: fora com este imperialista!

Visita do presidente americano no fim do mês visa acorrentar ainda mais o Brasil aos EUA. Página 2

O BRASIL VOTOU NA OPOSIÇÃO

Os resultados parciais do 15 de novembro em todo o país indicam que as oposições terão uma vantagem de mais de 6 milhões de votos sobre o governo.

No julgamento público do general Figueiredo, o povo disse não. E agora quer eleger diretamente o presidente da República. Página 3

O eleitorado repudiou o divisionismo

PT, PTB e PDT, que correram por fora, saíram mal. Pág. 4

EDITORIAL

A verdade das urnas

Já não é mais possível reprimir as águas do descontentamento popular. As urnas demonstram com toda força que os brasileiros querem mudar. Apesar das trapaças, dos casuísmos, das ameaças, da divisão artificial dos partidos de oposição e da falta de liberdade para discutir as propostas dos candidatos, o povo votou na oposição. Mesmo quem votou em Brizola, no Rio, é porque acredita ser ele quem melhor pode realizar o desejo de mudança, assim como os que votaram em Jânio pensam, na maioria, que ele usaria de fato a vassoura para varrer a corrupção.

Mas o fato novo e mais significativo — embora a imprensa burguesa tente esconder ao máximo — é que além de votar no PMDB, o povo elegeu destacadamente os candidatos do Bloco Popular. Apesar de uma campanha pobre, de enfrentarem o ataque cerrado do governo e muitas vezes sofrerem o boicote dos setores conservadores da própria oposição, os candidatos do bloco popular foram em geral bem votados. Destacou-se a esmagadora votação operária de Aurélio Peres em São Paulo e a preferência maciça do eleitorado para líderes como Jarbas Vasconcelos, Chico Pinto, Alencar Furtado, Haroldo Lima e outros.

São estes representantes populares, junto com outros elementos combativos eleitos por outras legendas, que formarão o núcleo avançado da frente democrática dentro do parlamento. Para dar continuidade à batalha eleitoral e utilizar seus resultados para canalizar novas forças contra o regime militar, a unidade das forças populares dentro e fora do parlamento é a questão chave atualmente. Os deputados, prefeitos e vereadores comprometidos com a causa operária e popular têm o dever de discutir com suas bases, nas fábricas,

nos bairros, nas escolas, nos sindicatos e entidades de massas, as formas concretas para organizar e criar canais de expressão política para a unidade popular.

A atuação articulada dos candidatos populares e a pressão das massas trabalhadoras, aproveitando-se da conjuntura favorável criada pela vitória oposicionista, pode ser decisiva em questões candentes do país. É possível denunciar e rechaçar os planos de maior atrelamento da nossa economia aos banqueiros internacionais com a já anunciada rendição do governo ao Fundo Monetário Internacional. É urgente mobilizar todos os democratas para exigir a restauração do voto direto do povo para presidente da República, assim como a eleição dos prefeitos das capitais e todos os municípios. E para que os trabalhadores tenham de fato o direito de participar do governo, torna-se imperativo convocar uma Assembleia Nacional Constituinte com plenos poderes para mudar as normas que regem a vida política e econômica do país, de acordo com a vontade do povo manifestada nas urnas.

As eleições não encerram a luta democrática. Pelo contrário, apenas criaram melhores condições para os brasileiros se unirem e lutarem pela liquidação do regime militar. O povo unido precisa exigir que os governadores democratas cumpram o programa oposicionista e façam de seus governos pontos de apoio para a luta pela democracia. A organização da unidade popular, e sua atuação com fisionomia própria, representará dentro da frente única contra o regime, o papel de destacamento mais combativo e ponto de apoio fundamental para garantir a direção política da classe operária na luta pela liberdade, rumo ao socialismo.



Aurélio Peres presta contas aos operários na porta da fábrica

Um deputado operário eleito por operários

O deputado federal metalúrgico Aurélio Peres fala à TO. Pág. 5



Javier, o líder estudantil que o governo quer expulsar do país

Em julgamento a expulsão de Javier do nosso país

Sob o impacto das eleições de 15 de novembro, o Tribunal Superior de Recursos intimou para a tarde de quinta-feira o ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, Francisco Javier, para julgamento do seu processo de expulsão do país. Como se sabe, Javier é de origem espanhola, apesar de viver no país desde os sete anos. Por sua atuação na UNE o governo abriu no início do

ano um processo para expulsá-lo. Com a pressão popular os militares recuaram. Mas agora, enquanto as atenções se concentram nas eleições, o governo volta à ofensiva. Até a hora do fechamento desta edição não se tinha notícias do veredicto dos juízes. O fato em si demonstra como a permanência de Javier no país sofre um risco.

Metalúrgicos da Bahia renovam o seu Sindicato

Antigo pelegão, no cargo desde 1964, foi posto para fora. Pág. 5

Bloco Popular do PMDB foi quem mais cresceu

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois Pág. 3

Reagan vem socorrer Figueiredo

Entre 30 de novembro e 3 de dezembro o chefe do imperialismo norte-americano, Ronald Reagan, estará no Brasil, a convite do general João Figueiredo. Será uma "visita de trabalho", anunciou o governo brasileiro. Tendo o cuidado, porém, de não revelar a pauta de conversações dos dois chefes de governo.

Os Estados Unidos têm se mostrado interessados em "tirar o Brasil do buraco": ajudar o governo militar — que representa principalmente os interesses dos monopólios nacionais e estrangeiros — a encontrar uma saída para a grave crise econômica e social em que meteu o país. No momento mesmo que Reagan visita o Brasil, uma comissão do Fundo Monetário Internacional (FMI) conclui um levantamento de como caminha a economia brasileira, visando estudar os pedidos de Delfim Neto a este organismo financeiro.



Reagan vem ajudar o parceiro Figueiredo, mas não consegue sequer resolver a grave crise dos EUA

COMUNHÃO DE IDEIAS

Ultimamente, o próprio governo americano tem intervido junto aos bancos internacionais para que emprestem o dinheiro de que Brasília necessita para cumprir seus compromissos com a dívida externa (veja matéria nesta página). Ao mesmo tempo, intensificam-se os contatos bilaterais entre as forças armadas ianques e brasileiras, que comungam os mesmos ideais anticomunistas e as tarefas de defender interesses antipopulares.

Mas o governo Reagan tem enfrentado muitos problemas dentro de seu próprio país, e tem

pouca margem de manobra para tentar resolver as crises dos "países amigos". Com mais de 11 milhões de desempregados, as exportações caindo, produção estagnada, e gastos militares astronômicos, Ronald Reagan não dispõe de muito para "socorrer" os governos dos países dependentes ligados a seus interesses. Ainda mais quando a crise capitalista carrega cada vez mais países para a insolvência.

CATIVANDO O PATRÃO

Mesmo assim, o governo brasileiro trata de cativar, o quanto pode, o seu patrão internacional. E a agência financeira **Brasilinvest** fez publicar, no **The New York Times** e em jornais brasileiros um anúncio de página inteira, onde dá boas vindas ao odiado Ronald Reagan. Um anúncio onde o Brasil é oferecido, desavergonhadamente, ao chefe imperialista: "Nos encontros de trabalho, vamos falar com o senhor esperando que o ilustre visitante contribua para que seu país se torne cada vez mais o nosso parceiro".

Outra é a posição das entidades de massas do povo brasileiro, como a União Nacional dos Estudantes — de gloriosa tradição de luta nacional —, que estão organizando manifestações de repúdio à presença de Ronald Reagan, jurando inimigo dos povos, em nosso país.

O Brasil a serviço da política ianque

A "mãozinha" que Ronald Reagan deu ao general Figueiredo, criando condições para Delfim Neto só correr ao FMI após as eleições, certamente não foi gratuita. O próprio presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, Humberto Costa Pinto, após entrevistar-se com o Ministro da Indústria e Comércio, Camilo Penna, reconheceu que "a ajuda norte-americana" não foi de graça. "Haverá um custo para isto", teria dito.

O governo Figueiredo retribuirá a ajuda que Reagan lhe deu. E a forma como o governo obteve a ajuda dá uma idéia de como será feita a "retribuição": comenta-se que Delfim obteve os dólares americanos pressionando os EUA com a ameaça de se juntar aos

esforços de México, Venezuela, Argentina, que lhe acenariam como um "OPEP de devedores", isto é, a união dos países que estão à beira da falência para conseguirem mais recursos através da ameaça de não pagarem suas dívidas. "Os cucarachos estão nos convidando para quebrar", teria chantageado Delfim aos seus patrões ianques.

O governo Figueiredo estaria se oferecendo para ser intermediário entre os Estados Unidos e os países dependentes. Aliás, Figueiredo afirmou explicitamente, na ONU, que não quer o confronto, mas sim ser intermediário. Os Estados Unidos não descartam esta hipótese. Ainda mais que há um certo estremecimento em suas relações com a América Latina,

após a aventura militar da ditadura Argentina nas Malvinas. O fato dos EUA terem apoiado a Inglaterra contra o governo de Galtieri trouxe descontentamentos no continente, e o governo brasileiro assumiu uma "neutralidade" que vem a calhar para seu projeto de ser intermediário.

O secretário de Estado de Reagan, George Shultz, afirmou sem peias na língua: "O Brasil representa 60% da América Latina. Os Estados Unidos precisam se entender com o Brasil". E Delfim, entusiasmado, complementa: "Os Estados Unidos escolheram o Brasil como parceiro para a execução de uma ampla reestruturação política, e a visita de Reagan será o solo deste novo arranjo".

Aumenta a dependência brasileira

O governo Figueiredo estava desesperado à cata de dinheiro no exterior, para pagar as prestações e juros da dívida externa. O Brasil teria estourado suas contas em setembro, quando suas reservas externas teriam se reduzido a 2 bilhões de dólares, para liquidar empréstimos a curto-prazo, e os banqueiros reduziram os grandes empréstimos ao país, pois os bancos querem garantias de seus investimentos, coisa que o governo não dá.

PERIGO DAS ELEIÇÕES

Nessa situação, ao mesmo tempo em que se multiplicavam as viagens dos ministros e tecnocratas da área econômica ao exterior, o próprio subsecretário dos EUA, Robert McNamara, encorajou os bancos norte-americanos a "ajudarem" o Brasil. O interesse do governo Figueiredo era de que os EUA segurassem o Brasil até 15 de novembro, adiando o pedido de socorro do país ao FMI, para não "abalar" as eleições. Para o imperialismo norte-americano não interessava que o governo militar, representante de seus interesses, amargasse uma derrota eleitoral ainda maior do que está sendo registrada nas urnas.

E foi com alívio que o sinistro Delfim Neto, ministro do Planejamento, suspirou na segunda-feira: "Eu precisava chegar até o dia 15 de novembro com o Brasil em condições de solvência. Cheguei". Na noite anterior, o chefe da assessoria do Banco Central, Alberto Furuguen, partira para os EUA, levando o documento em que o governo Figueiredo pede ao FMI que o "ajude" a administrar o pagamento das contas externas.

EUA AVALISTA DO PAÍS

Ainda nesta semana uma comissão do FMI vasculha as contas brasileiras para ver se é viável e satisfatório o encaminhamento da política econômica Figueiredo-Delfim. O FMI é uma espécie de avalista dos grandes bancos internacionais: se ele solta dinheiro para um país, os grandes

bancos sentem-se seguros para também fazer o mesmo e com juros cada vez mais elevados.

Mas para receber a "ajuda" do FMI, o Brasil tem que se submeter aos ditames desta organização. México e Argentina, por exemplo, foram considerados aptos a receber essa "ajuda" no início deste mês. E para tanto se comprometeram a reduzir gastos públicos — como verbas para Educação, Saúde, Saneamento, etc. — aumentar os impostos e reduzir suas importações.

No caso do Brasil, sabe-se que a política salarial de reajustes semestrais desagradou aos imperialistas, embora não atenda sequer às necessidades mínimas dos trabalhadores. Tem-se como certo que o FMI exigirá mudanças na lei salarial. Ainda este mês, num seminário secreto sobre a situação econômica do Brasil, realizada nos EUA, um dos diretores do FMI, Horst Struckmeyer afirmou, sem rodeios, que "a lei salarial brasileira, como está, onera os custos das empresas, reduzindo a competitividade dos produtos brasileiros para exportação".

E o próprio Delfim Neto deixou escapar, em Washington, que espera que "as pessoas compreendam que não é possível elevar os salários reais acima da produtividade", ou seja, ele espera que os trabalhadores "compreendam" que a lei salarial tem que mudar — e para pior.

VISITA DO CHEFE

Em suma, terminado o período eleitoral, o governo brasileiro recorre ao FMI. Figueiredo, fazendo-se de surdo ante a exigência de toda a nação de que seja mudada a política de entrega do país aos interesses estrangeiros e de aprocho dos trabalhadores, aprofunda ainda mais a economia antinacional e anti-popular de seu governo. Duas semanas após a derrota das urnas, o governo militar recebe de braços abertos o chefe do mais odiado inimigo do povo brasileiro: o imperialismo norte-americano.

Seja mal vindo mister Reagan

Para o povo brasileiro, o bandoleiro Ronald Reagan é, sob todos os aspectos, um hóspede profundamente indesejável. Ele representa os monopólios americanos, os maiores e piores espoliadores da Nação e de seus filhos nos últimos 50 anos. É o portavoz político dos banqueiros que asfixiam o Brasil com uma dívida externa que, quanto mais saldamos, mais cresce. Personifica de forma concentrada o imperialismo ianque, artífice do golpe de 1964 e sustentáculo do regime militar que infelicitou nossa terra há 18 anos. Isto para não falar dos crimes de Reagan contra o bravo povo salvadorenho, ou contra os 11 milhões de desempregados dos EUA.

Por isto a opinião pública vê com a maior simpatia iniciativas como a da UNE, que está programando manifestações de repúdio em massa à visita de Reagan. Elas exprimem os melhores sentimentos patrióticos dos brasileiros, assim como a solidariedade a tantos povos irmãos, também oprimidos e também em luta contra o jogo americano.

Há 13 anos, em plena ofensiva do Ato-5, a juventude e o povo de nossa terra souberam dar a merecida recepção a outro representante da dominação ianque — Nelson Rockefeller. E há poucos meses aconselharam com certos ovos na cara o bandido Henry Kissinger. Agora, são ainda maiores os motivos para se levar à prática as mais amplas, vigorosas e criativas ações de repúdio a mister Reagan.



O jovem Andropov, 68 anos, acena a Pequim

Nos funerais de Brejnev o flerte sino-soviético

Desde a morte de Leonid Brejnev, 76 anos, no dia 10, o mundo cravou os olhos em Moscou, à espera de possíveis novidades. Este foi um dos motivos da enorme afluência de figurões aos funerais de Brejnev, segunda-feira. E no dia seguinte apareceu uma novidade: os ministros do Exterior da URSS e da China, Andrei Gramiko e Huang Hua, reuniram-se por uma hora e meia em Moscou — o primeiro encontro deste nível desde 1969.

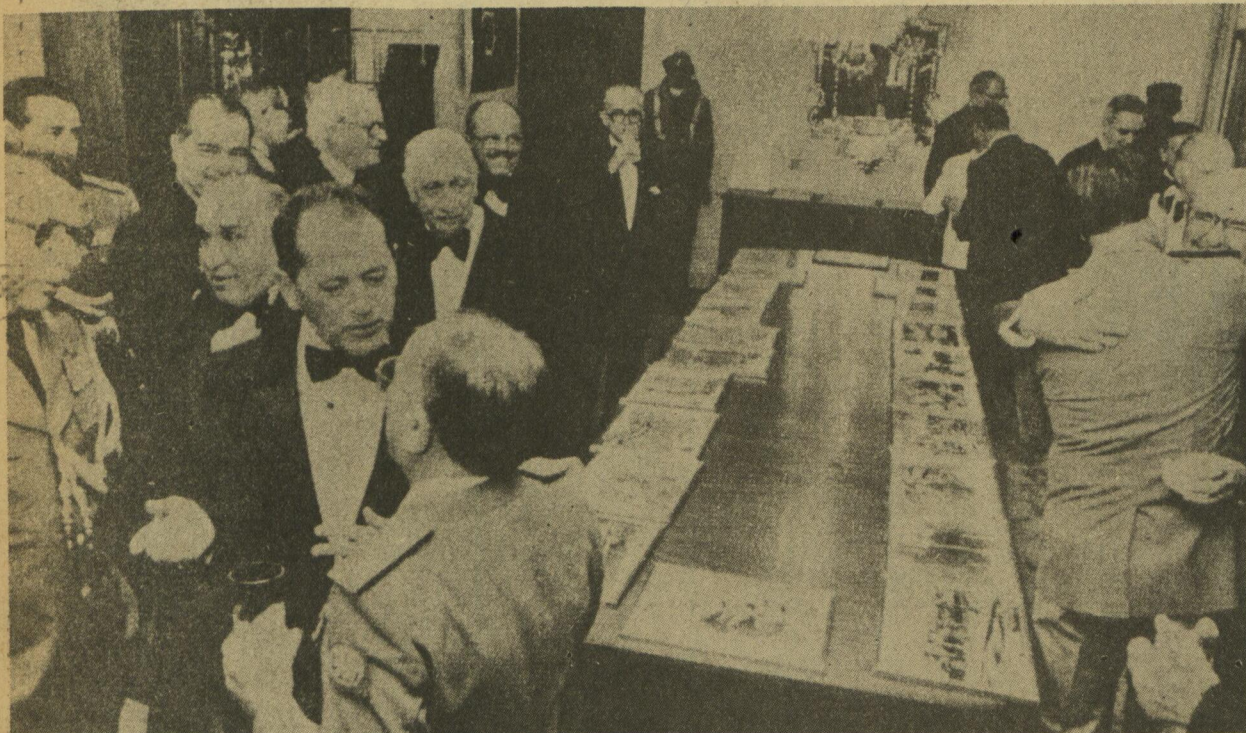
A reunião foi vista com um sinal de degelo entre Moscou e Pequim — que nos últimos 22 anos trocaram desde tiros na fronteira até insultos do mais baixo calão diplomático. Com a substituição do velho Brejnev pelo jovem ex-chefe da KGB Yuri Andropov, 68 anos, os dois Estados podem voltar a entender-se — pensam alguns observadores.

Ainda é cedo para tais especulações. Os entendimentos são tão tênues que, na imprensa chinesa, foram qualificados de "conversações para negociações". Das conversações às negociações e destas a algum acordo há uma longa distância. Mas certas características básicas dos donos do poder nos dois países permitem que se chegue a algumas conclusões.

POLÍTICA SEM PRINCÍPIOS

A primeira delas é que não há divergências de princípios opondo Moscou e Pequim. Já vão longe os tempos da polêmica ideológica sino-soviética, em que a China aparecia como defensora da revolução. Hoje, chineses e soviéticos igualam-se na falta de princípios. Se Moscou mantém há três anos um exército de ocupação em território afegane, o exército da China ainda em 1979 desfechou uma maciça agressão ao Vietnã. Tanto uns como outros conservam do comunismo apenas uma maquiagem superficial.

É justamente por se parecerem no fundo que China e URSS não conseguem se entender. Cada uma ambiciona abocanhar territórios da outra, ao longo de seus 9 mil quilômetros de fronteira. Ambas se chocam também na corrida às esferas de domínio no chamado "terceiro mundo", especialmente no Sudeste Asiático. E o jogo se complica com a ação dos Estados Unidos — uma superpotência não menos voraz que têm usado a carta da aliança com a China, mas também enviaram seu vice-presidente, George Bush, aos funerais de Brejnev. Não será a diplomacia secreta de gente deste tipo que conseguirá, em nome das benéficas à tranquilidade dos povos.



O general Walters e os militares brasileiros num jantar oferecido pela embaixada norte-americana

As cordiais relações militares

No último dia 7 de setembro, quando tradicionalmente as Forças Armadas brasileiras comemoram o "Dia da Independência", o comandante das Forças Terrestres dos Estados Unidos, então em visita ao Brasil, afirmou que, ao contrário da independência, existe uma forte interdependência entre Brasil e Estados Unidos: "Não havendo Brasil, não há os Estados Unidos; não havendo Estados Unidos, não há Brasil".

1964 foi o general Vernon Walters, ligado à CIA e atual assessor especial de Ronald Reagan — certamente ele integrará a comitiva do chefe imperialista no Brasil. E, mesmo com a extinção do acordo militar Brasil-Estados Unidos pelo general Geisel, os militares americanos nunca deixaram de rondar nosso país. Há um entrosamento tão grande entre os generais de lá e os de cá, que dispensa assinatura de um novo acordo para negociação dos interesses bilaterais.

o comandante do Comando Sul do Exército dos EUA, brigadeiro Jones; o diretor do Colégio Interamericano de Defesa, contra-almirante Swartztrauber; além de outras patentes menores. Vários desses militares, a exemplo de Walters, fizeram mais de uma visita ao nosso país.

Naturalmente, essas visitas são retribuídas. A começar pelo Ministro do Exército, general Walter Pires, são muitos os militares brasileiros a realizar palestras e participar de cursos e ações militares conjuntas com seus irmãos de farda norte-americanos. O que os une, a todos, é o anti-comunismo feroz e a tarefa comum de reprimir, a ferro e sangue, as sublevações populares.

CURSOS NOS EUA

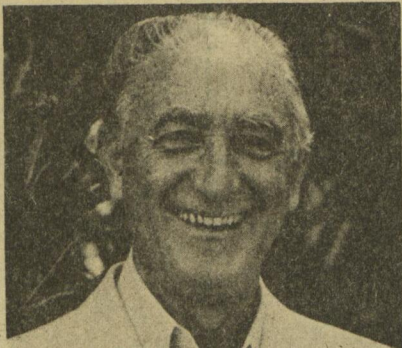
Somente no governo de Figueiredo, o sinistro Vernon Walters veio ao Brasil quase dez vezes. Além dele, outros generais, como

RELAÇÕES UMBILICAIS

De fato, as ligações entre o governo brasileiro e o imperialismo norte-americano são umbilicais. Não é segredo para ninguém que um dos principais articuladores do golpe militar de

Os novos governos de oposição nos Estados

Em sua primeira entrevista depois de assegurada a eleição para o governo do Estado de São Paulo, Franco Montoro manifestou a disposição de participar da luta pela convocação de uma Assembleia Constituinte e garantiu que o prefeito da capital será escolhido pelo voto popular. José Richa, do Paraná fez pronunciamento idêntico.



Montoro: pela Constituinte

Estas são duas importantes aspirações da imensa maioria dos brasileiros. E é importante sobretudo que o governador eleito pela oposição no principal centro político do país se comprometa publicamente em realizá-las. Isto é fruto da acirrada campanha democrática que se desenrolou nestes últimos meses. O povo, ao participar ativamente da batalha eleitoral, marcou a vida política do país e fez avançar por todo lado a luta pela liberdade.

Os operários conscientes sabem, por sua própria experiência que não vão poder simplesmente confiar que os governos oposicionistas eleitos continuem a luta pela democracia. Em muitas ocasiões vai ser necessária uma forte pressão de massas para que sejam respeitados os compromissos

sos assumidos durante a campanha. Na sociedade dividida em classes ninguém ganha nada de presente.

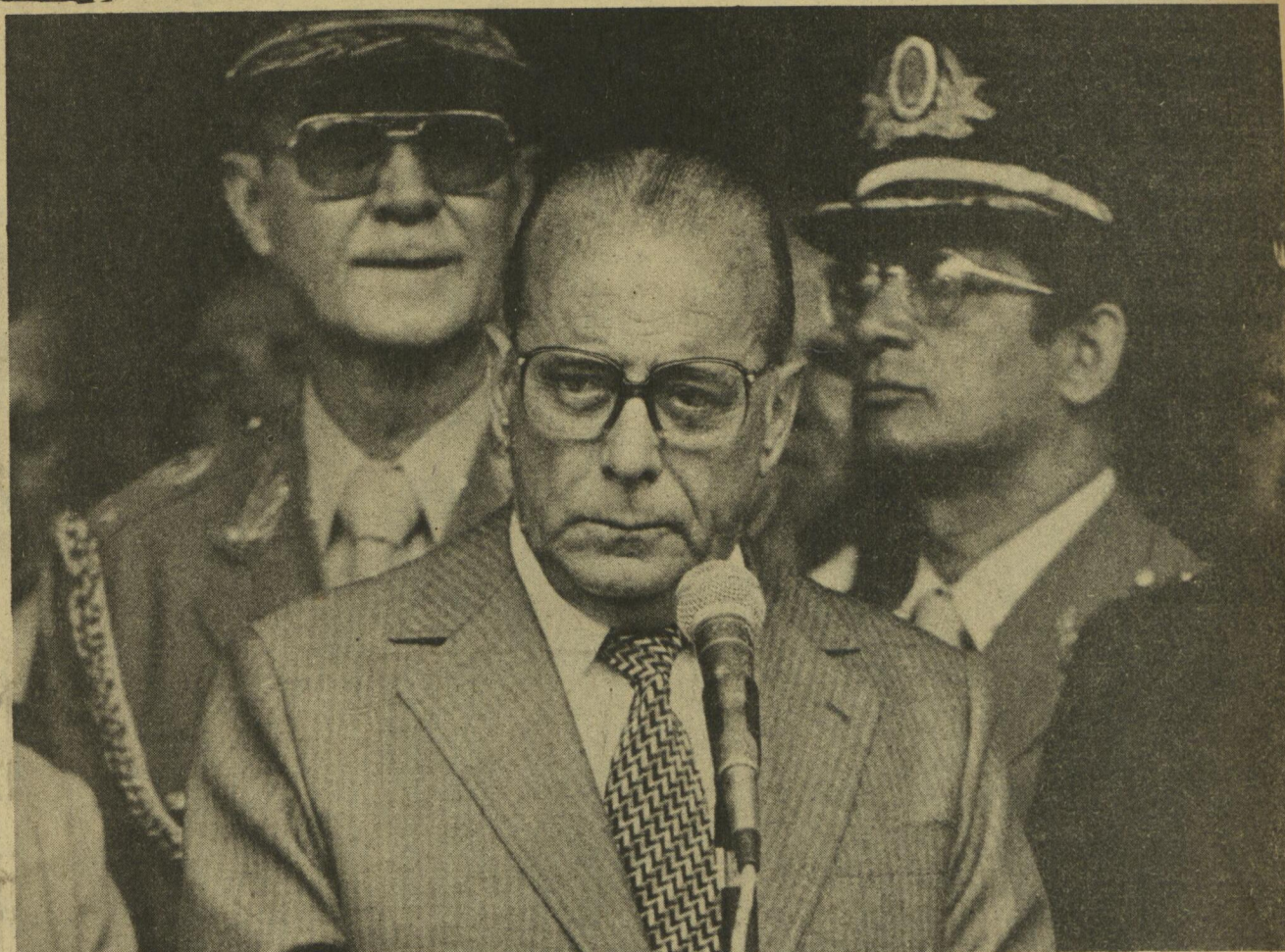
O governo federal, por seu lado, vai de agora em diante tentar amaciar os governadores eleitos pelo voto popular. De um lado vai fazer tudo para dobrá-los com acordos espúrios. Se não der certo, vai fazer chantagem com corte de verbas, com redução das facilidades para empréstimos e com toda sorte de pressões. Neste sentido, os governadores precisarão do apoio popular para que tenham os direitos de cada

Estado não como favores dos poderosos mas como uma exigência legal, respaldada pelo voto popular.

BASES DE APOIO

Os trabalhadores, se querem além das exigências democráticas gerais conquistar os seus direitos e reivindicações mais sentidas, terão que aproveitar a conjuntura favorável criada pela derrota do regime nas eleições, para se organizarem e conquistarem o que lhes cabe. Depois desta ampla campanha democrática nacional, é muito mais difícil reprimir as greves e as manifestações operárias e populares.

Apoiados também nesta combativa batalha eleitoral, os trabalhadores, junto com os seus representantes eleitos para o Parlamento e para as prefeituras, devem impulsionar os governos estaduais para que se coloquem como bases de apoio para a continuidade da grande luta de todos os democratas pela liquidação do regime militar e pela conquista da liberdade política mais ampla. A luta eleitoral não esgota a luta pela liberdade, mas a conquista destes pontos de apoio no Parlamento e nos Executivos representa um grande avanço das forças populares.



Figueiredo: mais de 6 milhões de votos abaixo das oposições, apesar de toda a ginástica casuística

Quem disse que é este o "grande vitorioso"?

Abertas as urnas, os resultados confirmam: a eleição de 15 de novembro foi uma grande batalha entre o governo do general Figueiredo e a oposição, polarizada pelo PMDB. Uma projeção dos resultados parciais indica a seguinte porcentagem de votos nos partidos: PDS 43,4%; PMDB 45,2%; PTB 5,1%; PDT 3,6%; PT, 2,6%. Mais de 6 milhões de votos de vantagem para as oposições.

Estes números, que o governo oculta cuidadosamente, embora provisórios dão uma dimensão de como é falsa a proclamação de Figueiredo como "o grande vitorioso" na eleição. O voto no PMDB, e também nas demais legendas oposicionistas, foi essencialmente um voto contra a situação, contra o que aí está, contra o governo federal e o general que o chefia.

Ao nível dos governos estaduais, vários resultados ainda não estão definidos no momento em que fechamos esta edição. O fato principal é a vitória arrasadora de Franco Montoro em São Paulo, centro da economia e coração do movimento operário brasileiro, onde o PMDB terá mais de 2 milhões de votos à frente do PDS. Também em Minas Gerais, Paraná, Goiás, Amazonas e Espírito Santo o PMDB fará os governadores, enquanto no Rio de Janeiro o voto oposicionista foi carregado para Leonel Brizola (veja o box abaixo).

Na Bahia, Pará e Pernambuco trava-se ainda a batalha da apuração, voto por voto, sendo difícil prever o resultado. Em Recife, bastião pernambucano da oposição, por exemplo, o PDS está oferecendo 40 mil cruzeiros aos fiscais por cada urna que seja impugnada.

Já no Rio Grande do Sul (veja na página 4) a candidatura paralela de Alceu Colares terminou dividindo o eleitorado oposicionista e entregando o governo estadual ao minoritário PDS de Jair Soares. E nos demais Estados o voto de cunhal, a corrupção e a violência deverão levar ao triunfo de governos pedestes.

O voto oposicionista abriu uma brecha no monopólio do poder pelo regime militar

Este resultado representa uma mudança, significativa, na correlação das forças políticas do país. Abre uma brecha no monopólio do poder político pelos homens do Palácio do Planalto — embora não mude a natureza nem as intenções continuistas do regime militar.

É um resultado que também complica bastante as ambições de vários figurões do regime, de suceder ao general Figueiredo na Presidência da República. Salim Maluf, derrotado na sucessão de Montoro, perde pontos embora tenha conseguido comprar um número impressionante de votos como candidato a deputado. Mário Andreazza também perde, já que não conseguiu eleger seus cabos eleitorais. Eliseu Resende e Moreira Franco, Aureliano Chaves, vindo da UDN mineiro, sai chamuscado pela vitória de Tancredino Neves, oriundo do PSD.

Na Câmara Federal, o partido do governo passa de maioria a minoria. O bloco dos parlamenta-

res mais fisiológicos, servidores incondicionais do governo, sai reduzido apesar das campanhas milionárias e da corrupção por atacado. Mas a maior novidade é o reforço qualitativo do bloco dos oposicionistas comprometidos com os interesses populares, dentro e também fora do PMDB. (veja artigo nesta página).

Ficou mais difícil para Figueiredo continuar governando até março de 1985

Figueiredo, que em público canta vitória, não conseguiu esconder sua irritação quando ameaçou dar um coice num repórter. Afinal, até o dia 15 o PDS além da maioria no Congresso contava com todos os governadores de Estado, exceto os do Rio de Janeiro e do Pará, que também não tinham qualquer compromisso com o eleitorado. Agora, com os frutos da eleição, será bem mais difícil para ele governar até 1985; e mais ainda fazer o seu sucessor. Embora o Palácio do Planalto deva continuar controlando o colégio eleitoral que escolhe hoje o presidente da República, não terá como conter o movimento popular e democrático, que avança agora para exigir eleições diretas para a Presidência.

Presidente eleito é o anseio do povo

Na véspera do dia 15, o general Figueiredo, muito fanfarrão, disse que iria empanturrar as oposições com democracia, até que estas não aguentassem mais. Pois bem: tivemos na semana passada uma pequeníssima amostra de democracia, embora truncada, mutilada, viciada pelos casuísmos. E o povo gostou. Agora ele quer mais, muito mais. Quer democracia de verdade. Para começar, deseja ardentemente que lhe restituam o direito de eleger diretamente o presidente da República, direito roubado em 1964.

Este desejo tem sólida base política. Parte da consciência popular de que mudanças ao nível estadual ou parlamentar não levarão a uma transformação, de fato na natureza do regime militar. Como esse regime é a grande pedra no caminho da Nação brasileira, o povo joga sua esperança na eleição do presidente — que de fato poderia significar um marco decisivo na democratização do país e na conquista de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana.

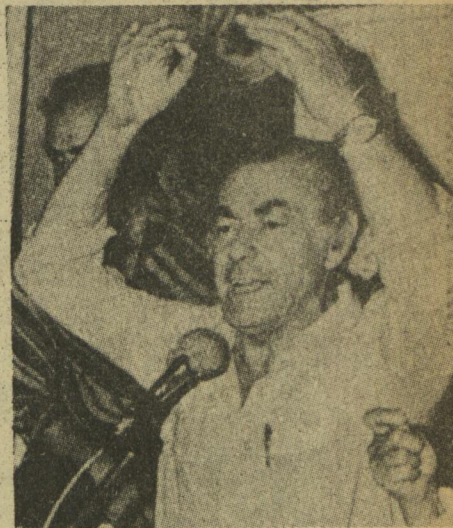
Figueiredo não quer saber disto. Mas um vigoroso movimento popular e democrático pode levá-lo de vencida.

A vitória de Brizola no Rio

O PMDB sofreu um revés exatamente no Estado onde parecia imbatível — o Rio de Janeiro. Todas as projeções apontam para vitória de Brizola, do PDT, com Moreira Franco do PDS em segundo e Miro Teixeira num modesto terceiro lugar. Ao PT ficou reservado o lugar de lanterna. O candidato do PDT estourou na capital e na periferia. A liderança do PMDB no interior, onde até aqui ganhou as prefeituras de oito dos 12 municípios, nem de longe contrabalança a derrota do partido nos grandes centros.

VÍTIMA DOS SEUS ERROS

O PMDB do Rio foi vítima da sua própria incapacidade de mudar o rumo da campanha eleitoral. Desde o início os demais partidos, em especial o PDT e o PDS, esforçaram-se para tirar do centro da discussão o confronto com o regime militar. Devido à estreiteza e à pouca ofensividade da campanha peemedebista, as eleições tornaram-se um julgamento do governo de Chagas Freitas, deixando o regime dos generais em segundo plano. É importante ressaltar que, mesmo conseguindo ganhar a



Brizola, o novo governador do Rio

campanha do PMDB e aumentar a votação do PDS, o regime também não cumpriu seu objetivo de eleger Moreira Franco governador. O PDT acabou canalizando para sua proposta conciliadora a maior parte do sentimento oposicionista.

O quadro político do Rio, assim, fica complexo. O PDT ficará em franca minoria na Assembleia. E a febre brizolista do povo carioca tende a cair tão rapidamente como subiu, na medida em que o povo governado não encontra suas promessas demagógicas. (da sucursal).



Manifestação em Goiás: onde o Bloco Popular levou sua mensagem, seus candidatos foram bem aceitos

Bloco Popular do PMDB elege seus candidatos

No interior da frente democrática, a performance de Bloco Popular do PMDB é surpreendente. A maioria dos candidatos populares tem tido boa votação, com alguns figurando entre os mais votados nos principais Estados, o que expressa o respaldo às suas propostas de luta por "Terra, Liberdade, Trabalho e

Independência Nacional".

Na Bahia os dois candidatos da tendência popular à deputado federal, Haroldo Lima e Francisco Pinto (secretário-geral do PMDB) ocupam tranquilamente os primeiros lugares. Todos os candidatos populares à vereança de Salvador estão eleitos. Jane Vasconcelos, coordenadora do

Movimento Contra a Carestia, e Lídice da Mata, ex-presidente do DCE da Universidade Federal, estão em segundo e terceiro lugar no cômputo geral, respectivamente. Nei Campello está entre os dez mais votados.

PREFEITURA POPULAR

Em São Paulo, o metalúrgico Aurélio Peres, candidato a reeleição, destaca-se como o representante autêntico dos operários, já eleito (ver entrevista na página 5). Benedito Cintra figura entre os dez mais votados do PMDB para Assembleia Legislativa. E o médico Walter Feldman é a grande surpresa, arrastando milhares de votos da periferia.

Na segunda principal cidade de Minas Gerais, Juiz de Fora, a prefeitura já é da oposição e o seu novo prefeito, ao que tudo indica, é o candidato popular Tarcísio Delgado. Nesta mesma cidade, José Luiz Guedes, candidato a deputado federal e ex-presidente da UNE, conseguiu muitos votos — uma média de 25 por urna — e já pode ser considerado eleito. Agamenon Siqueira, candidato a deputado estadual pelo Bloco Popular, tem boa votação, assim como Francisco Luciano, candidato a vereança de Belo Horizonte.

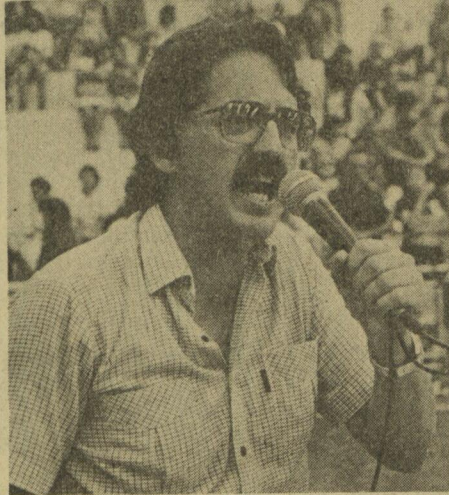
Em Goiás, Aldo Arantes, coordenador do Bloco Popular, é um dos mais votados para a Câmara Federal, em sétimo lugar (ver box). Em Alagoas os candidatos populares tiveram grande votação. Renan Calheiros, candidato à deputado federal, é o mais votado do PMDB e um dos primeiros no cômputo geral. Entre os candidatos populares à vereança de Maceió, Jarede Viana está em segundo lugar, Fernando Costa em terceiro e Edberto em sexto.

"A luta continua após eleições"

Goiás foi um dos estados onde a oposição obteve uma das mais estrondosas vitórias. Aldo Arantes, coordenador estadual do Bloco Popular do PMDB, falou à Tribuna sobre a avalanche de votos recebidos pela oposição em seu Estado.

"O resultado das urnas — afirma Aldo — indica o forte sentimento oposicionista do povo brasileiro e em particular do povo goiano. A vitória do PMDB de Goiás será uma das maiores do Brasil e é também a expressão da capacidade política de Iris Resende, de se transformar no ponto de convergência do sentimento de oposição do povo goiano".

"Quanto ao desempenho dos candidatos populares — continua Aldo — ainda não dá para ter um quadro completo. Alguns oposicionistas mais combativos, como Adhemar Santillo e Iran Saraiva, estão despontando com excelente votação. O meu nome está tendo uma boa receptividade em Goiânia, Anápolis e em algumas cidades do interior. Confio que o resultado final das apurações venha a beneficiar os



Aldo: "Resistência à ditadura militar"

candidatos populares do PMDB".

Aldo Arantes faz questão de ressaltar que "após as eleições o Bloco Popular do PMDB vai continuar a sua luta por Terra, Trabalho, Liberdade e Independência Nacional. Vai contribuir para que o governo de Iris Resende seja um governo de resistência à ditadura militar. O Bloco popular irá fazer do centro de suas atividades, a organização e a conscientização do povo e a luta em defesa do interesse da classe operária, dos posseiros, dos estudantes, dos professores e da juventude". (da sucursal)

A tarefa suja de dividir a oposição

Se fosse pelo que os partidos diziam de si mesmos, todos conquistariam a maioria dos votos populares. E os trabalhadores seriam representados pelo PT, PTB e PDT. Mas a apuração das urnas demonstrou que os operários, os trabalhadores, as forças populares e democráticas não se deixaram enganar. Quem é contra o governo votou no PMDB.

Quem é a favor do regime votou no PDS. Os partidos que se auto-proclamaram trabalhistas foram esmagadoramente repudiados. O PT, em São Paulo, onde teve mais votos, não chegou a 10% do total e ficou num incômodo quarto lugar. No Rio Grande do Sul o PDT e o PT deram a vitória ao governo. Em troca Brizola teve ajuda para vencer no Rio de Janeiro.



Boca de urna dos "rebeldes" para o partido que se proclama dos trabalhadores

Operários rejeitam o PT em todo o Brasil

A conversa do Partido dos Trabalhadores, de que o PDS era "um cachorro morto" e que a hora é de ajustar contas com o PMDB (classificado como saco de gatos por algutinar amplas correntes oposicionistas) não empolgou os eleitores em lugar nenhum. E as urnas confirmam que esta política inteiramente equivocada só beneficiaria o governo.

Em todo o país, embora a tendência do eleitorado seja majoritariamente oposicionista, ficou claro que o partido do governo ainda é um cachorro vivo e mordedor, que é preciso aglutinar muita força para liquidá-lo. Pela sua própria experiência nas empresas e nos bairros, os trabalhadores sentiram que esta orientação petista levaria a uma divisão suicida dos votos oposicionistas. E a repudiaram por todo lado.

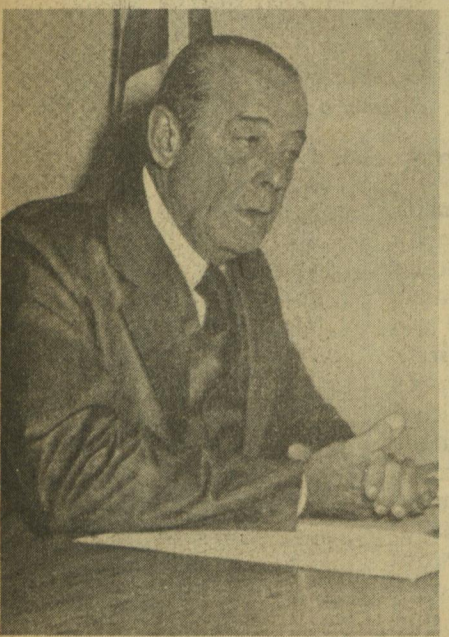
OPERÁRIOS REJEITAM

Em Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema, o chamado ABC, onde o PT teve seu berço, onde Lula diz ter a sua base principal, o PMDB e o PTB superaram a votação dos petistas. Nas grandes áreas operárias, de São Paulo, como as zonas Sul, Leste e Oeste, também o PMDB superou em muito a votação do PT. Em nenhuma área de concentração operária do Estado de São Paulo a votação se concentrou no PT. Nem nas regiões de assalariados agrícolas e bóias-frias.

No Estado de São Paulo, o principal centro industrial do país, a votação petista não chega a 10% do eleitorado. A tal ponto sua mensagem divisionista foi rejeitada pelos trabalhadores que acabou sendo superada pela votação de Jânio Quadros, que se apresentou com uma proposta populista e demagógica.

O MENOS VOTADO

Nos outros Estados a situação do partido de Lula foi ainda mais desastrosa. Em geral sua votação fica



Figueiredo: o povo não sabe votar

abaixo de 1%. Onde sobe um pouco mais, como em Belo Horizonte, só está contribuindo para prejudicar as chances de vitória oposicionista — em Minas até agora a diferença entre o PMDB e o PDS é muito reduzida e pode ocorrer uma derrota da oposição por responsabilidade de 2% de votos dados ao PT. No Rio Grande do Sul também, onde Olívio Dutra tem perto de 1% de votos, isto está contribuindo para a vitória de Jair Soares, do PDS.

No conjunto do país o PT foi o partido menos votado, derrotado inclusive pelo PDT e pelo PTB. Se não fosse a providencial medida casuística do governo que suspendeu até 1986 as exigências de um mínimo de votação para viabilizar os partidos, o PT perderia as condições de se manter legalizado. Só o interesse do governo na dispersão da oposição é que ainda lhe garante sobrevivência legal.

CULPA DO POVO!

Diante de derrota tão evidente, mostrando seu descompromisso com o povo, Lula simplesmente cancelou todos os compromissos públicos que tinha assumido, inclusive uma entrevista coletiva à imprensa para explicar o desempenho de seu partido, e depois justificou o fracasso alegando que "o povo não está preparado para entender que os trabalhadores podem governar" — fazendo coro com o general Figueiredo, que gosta de repetir que "o povo não sabe votar e não está preparado para a democracia". Manoel Conceição, candidato do partido ao governo de Pernambuco também usou a velha e desrespeitosa fórmula burguesa que: "Cada povo tem o governo que merece."

VOTOS "REBELDES"

Outro fato que chamou a atenção nos resultados foi que a média de votação global do PT no Estado de São Paulo foi aproximadamente a mesma que o partido obteve nas urnas dos bairros da burguesia e da alta pequena burguesia do Jardim Paulista e Cerqueira Cezar — pouco menos de 10% do eleitorado. Comenta-se que nestes bairros os pais votam no PDS e os filhos, "rebeldes", votam no PT.

Brizola consegue uma vitória para o PDS

O Partido Democrático Trabalhista, dirigido por Leonel Brizola, só teve condições de se organizar em 11 Estados. E sua pregação só teve audiência no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. O grande trunfo do PDT foi o passado democrático de Brizola antes de 1964.

Nos outros nove Estados a sua votação foi inexpressiva. Mas no Rio Grande do Sul serviu como instrumento do governo para retirar votos de Pedro Simon, o grande favorito da oposição, possibilitando a vitória de Jair Soares, do PDS. Isto ficou muito claro quando se definiu o quadro eleitoral do Estado, indicando a possibilidade da vitória da oposição. Imediatamente Leonel Brizola largou a sua campanha no Rio para dar um empurrão na candidatura de Alceu Colares, que chegou aproximadamente a 17% do eleitorado, exatamente o bastante para derrotar o candidato do PMDB e dar a vitória para o governo.

VITÓRIA DA CONCILIAÇÃO

Também no Rio de Janeiro Brizola foi um recurso usado pelo governo, com uma propaganda cuidadosamente preparada para evitar a vitória do PMDB. Provavelmente este assunto foi acertado na reunião de 1º de agosto entre Brizola, Moreira Franco e Leidão de Abreu, como já foi noticiado, no apartamento do Hilton Hotel ocupado pelo Ministro Chefe da Casa Civil do governo. E certamente foi acertado também, em troca de uma ajuda de Brizola ao PDS no Sul, certa facilidade para o PDT no Rio.

Desde que chefiou ao Brasil, voltando dos Estados Unidos e da Europa, Brizola se revelou partidário da conciliação. Na época da incorporação do PP ao PMDB, afirmou ao deputado Odacir Klein, líder do

PMDB, que isto representaria "um confronto com o governo" e que "não era hora para isto".

No Rio, Brizola aproveitou-se do governo corrupto e reacionário de Chagas Freitas para sabotar a candidatura de Miro Teixeira, do PMDB. Encobriu a sua conciliação com o regime militar atacando furiosamente Chagas Freitas. Apareceu, por causa deste linguajar, como defensor das mudanças, conquistando assim a preferência popular.

A vitória de Brizola (Segundo dados parciais) não deixa de representar uma derrota do governo, que não conseguiu eleger o seu candidato Moreira Franco. Mas é a vitória da oposição moderada, com a qual o regime pretende contar para "as negociações" que já anunciou para um "entendimento nacional". O próprio Brizola já disse que ainda vai se "encontrar muitas vezes com os militares pelas" madrugadas".

Comédia de Jânio tem final nos Estados Unidos

O PTB atual é o resultado do "racha" da área mais fisiológica do antigo movimento trabalhista, que impulsionada pelo general Golbery conseguiu tomar a sigla do partido das mãos de Leonel Brizola. Embora tenha se organizado em 9 Estados, só conseguiu alguma expressão no Rio de Janeiro e em São Paulo.

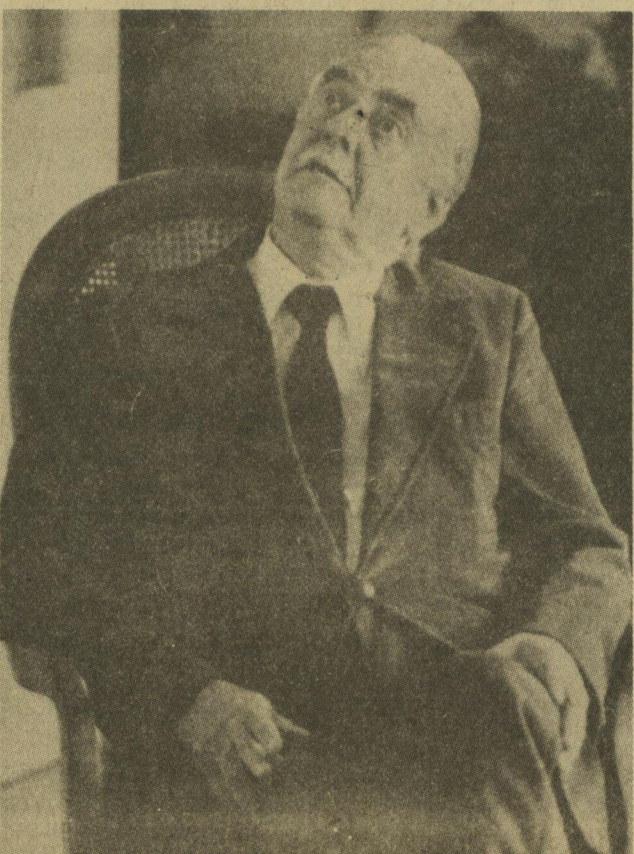
No Rio, como primeira linha na luta para derrotar o PMDB, Sandra Cavalcanti do PTB foi anunciada como a grande vencedora do pleito. Mas seu sucesso durou pouco. Apesar de martelar o governo Chagas Freitas, Sandra não conseguiu esconder o seu passado de mata-mendigos e suas

ligações com os serviços de informação do governo. Desgastou a candidatura de Miro Teixeira e ficou com o trabalho de arrastar alguns votos da ala mais conservadora do PMDB. Conseguiu, mesmo desmoralizada, cumprir uma parte razoável da tarefa.

TEATRO DE JÂNIO

Em São Paulo, o grande herói do PTB foi Jânio Quadros. Primeiro tentou se infiltrar no PMDB para criar confusão. Não deu certo e ele voltou para o PTB falando em revolução sangrenta. Também não convenceu muito. Com gestos teatrais, conseguiu ocupar as capas dos jornais ora beijando as mãos de D. Evaristo Arns, ora prometendo renunciar se não tivesse uma platéia razoável para os seus shows de propaganda.

Apesar de desgastado e desmoralizado, ainda se valeu da demagógica imagem da vassoura "para varrer a corrupção" para conquistar votos dos menos informados. Apesar de não conseguir retirar de Montoro votos suficientes para dar a vitória ao PDS, teve mais sucesso do que o PT. Antes que o resultado das urnas fosse divulgado, encerrou a sua encenação viajando para os Estados Unidos, sem dar satisfações a ninguém.



Jânio: não esperou pelo resultado das urnas

Os erros do PT em balanço

"Alguma coisa saiu errada. Talvez a tática utilizada não tenha sido a mais indicada. Acho que as acusações pessoais a adversários de outros partidos acabaram se voltando contra o PT", murmurou o deputado federal Eduardo Matarazzo Suplicy, do PT, sobre a fraquíssima atuação do partido de Lula em todo o território nacional, inclusive S. Paulo. Com certeza, os oposicionistas sinceros ligados ao PT acabarão por concluir que a atuação errada, divisionista, desse partido, de centrar seu ataque no PMDB e silenciar sobre os desmandos do PDS só poderia levar ao fracasso eleitoral, como as urnas agora constatarem.

Clima de velório

"Clima de velório". Assim foi definido o ambiente no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, sede do governo mineiro. Francelino Pereira e seus pares não se conformam com a derrota eleitoral que sofreram na terra dos Inconfidentes.

Agora, a presidência

"Nosso objetivo agora é mobilizar a opinião pública para que possamos aprovar projetos que acabem com essa legislação casuística que aí está, para que sejam permitidas as coligações partidárias, sem que isso pressuponha a fusão dos partidos, para que se elimine a Lei Falcão, para que se consiga convocar uma Constituinte. Não nos dividiremos, justamente agora, quando temos à vista a possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República". Palavras do presidente nacional do PMDB, deputado federal Ulysses Guimarães.

Jagunços do PDS

Em Caxias, Rio de Janeiro, no dia 15, capangas do PDS saíram de dois carros e, revólveres em punho, agrediram as pessoas que faziam boca de urna para os candidatos populares do PMDB, Carlos Henrique (deputado estadual) e Luis Carlos (vereador). Os capangas quebraram a mesa onde os cabos eleitorais trabalhavam e levaram todo o material de propaganda. Dentro dos carros, foram vistas algumas metralhadoras.

Provocações ao PMDB

Em São Mateus, periferia de São Paulo, cabos eleitorais do PT acusavam os boca de urna do PMDB como "representantes dos fascistas". Silenciavam cumplidamente, contudo, sobre o PDS. Mas os peemedebistas não se intimidaram, e conclamavam aos eleitores: "Votem contra o governo! Votem no PMDB! Votem no candidato operário Aurélio Peres!"

Fiscal do PT ou PDS?

Em Salvador, logo no primeiro dia de apuração dos votos, no Centro Integrado Luiz Viana, um presidente de junta apuradora não se conformou com os esforços que um fiscal do PT desenvolvia para anular os votos do PMDB. Perguntou-lhe, de chofre: "Rapaz, afinal, você é fiscal do PT ou do PDS?"

"Vote no PDS ou no PT"

Em São Paulo, Salvador, e várias outras capitais, diversas pessoas vestidas com camisa do PDS fizeram, abertamente, campanha de boca de urna para o PT. Em S. Paulo, um pedessista mais afoito, ao ver uma eleitora do PT não conteve seu entusiasmo: "Isso mesmo, oposição é o PT. Não é esse saco de gatos do PMDB. Ou vote PDS, ou vote PT".

Corrupção na Bahia

A corrupção do PDS baiano se fez sentir inclusive na boca de urna: em Paripe, Salvador, o candidato a vereador pelo PDS, Alcindo, estava distribuindo carnes quitadas de bloco carnavalesco, e tentando trocá-las por votos. Cada pessoa que recebia o carne tinha seu nome, número do Título de Eleitor e seção anotados pelo corrupto pedessista.

Termômetro do governo

"É evidente: o Alceu é o termômetro da vitória do Jânio". A afirmação é do deputado federal gaúcho Nelson Marchezan, do PDS. Durante a apuração das eleições, ele ficou mais atento a votação de Alceu Colares, o candidato ao governo do Rio Grande do Sul que garantiu, dividindo os votos de Pedro



Simon, do PMDB — a vitória de Jair Soares, do PDS naquele Estado.

Confusões do Maluf

Paulo Maluf, o ex-governador trombadinha de São Paulo, conseguiu, apoiado na corrupção em larga escala, se eleger deputado federal pelo PDS. Mas deixou um rastro de descontentes inclusive entre seus parceiros de partido. O sinistro coronel Erasmo Dias — que já foi secretário de Segurança de São Paulo — reeleger-se também para a Câmara Federal, mas queixou-se de Maluf: "Por onde ele passou, só deixou confusão".

PDS versus PDS

Nem após as eleições os integrantes do PDS conseguem pacificar o partido. Em Sertaninha, interior de Pernambuco, o candidato a vereador pelo PDS-1, Tarcísio Bezerra, matou a tiros seu adversário Sinal Cerqueira, irmão do candidato a prefeito pelo PDS-2, Geraldo Cerqueira, irmão do candidato a prefeito pelo PDS-2, Geraldo Cerqueira. Isso, na quinta-feira, antes mesmo que as urnas fossem abertas e tivesse início a apuração na cidade — não havia juiz eleitoral no município.

Insatisfação do povo

O candidato popular a vereador pelo PMDB paulistano, Walter Feldman, foi um dos mais votados do partido da oposição: "Esta eleição confirmou a insatisfação do povo com os governantes do país e do Estado, principalmente com Maluf. E confirmou também a tendência de colocar, na Câmara Municipal, elementos com uma representação mais geral do que o chamado 'candidato do bairro'. O povo quer representantes que trabalhem sobre os problemas da cidade, e não só do bairro. E que lutem contra o governo militar, e não fiquem só cuidando do asfalto".

Buscando encrenca

O metalúrgico Arnaldo Alves, candidato popular a vereador em São Paulo pelo PMDB, saiu satisfeito de sua campanha eleitoral: "Foi uma campanha de baixo nível financeiro, mas de alto nível político. Discutimos os problemas políticos do país e a necessidade de por fim a essa ditadura." O operário opina que, durante a campanha, o papel divisionista do PT foi desmascarado para as grandes massas: "Nas bocas de urna, onde até o pessoal do PDS não criava problemas para a gente, o PT, com seu 'radicalismo' da boca pra fora, buscava encrenca com os militantes da oposição."

Ascensão e queda

No município da Lapa, interior do Paraná, apurados os 7 mil votos, o surpreendente resultado: 4 mil para o PMDB e 3 mil para o PDS. Motivo para a surpresa — Lapa é uma cidade tradicionalmente governista. Nela o general Nei Braga, ex-governador e candidato a senador (e a Presidente da República!) pelo PDS, nasceu. E também nela viu enterrada a sua carreira política...

Itaú apóia o PDS

Nem só de dinheiro dos cofres públicos foi custeada a campanha do PDS paulista. O Banco Itaú obrigou vários de seus funcionários a realizarem boca de urna para o PDS no dia 15. E por baixíssimo custo — o banco pagou um dia de horas extras, e deu um dia de folga — até agora não gozada pelos funcionários que foram obrigados a submeter-se a essa chantagem eleitoral. Mas, em nosso voto foi PMDB", comentou um funcionário.



Aurélio presta contas à sua classe sobre os resultados do 15 de novembro na porta da Metal Leve

Aurélio reeleito com votação 80% operária

“Ô Aurélio, você já está aqui de novo?!” Na porta da metalúrgica Metal Leve, em São Paulo, os operários formam logo uma rodinha. É para cumprimentar, entre apertos de mão e abraços, o seu companheiro de classe Aurélio Peres, reeleito deputado federal pelo PMDB.

Nas juntas apuradoras, os votos ainda estão sendo contados, e quanto mais operários há num bairro, maior é a votação para Aurélio. Candidato operário, saído da fábrica para a Câmara Federal, ele fez uma das campanhas mais pobres desta eleição milionária, e portanto uma das mais estafantes. Só umas poucas horas antes conseguiu finalmente uns minutos para ir ao dentista, ajustar a conta com um dente que o incomodava há

tempos. Ele porém não é desses políticos que só aparecem na hora de pedir voto. Lá está, como sempre, junto com a sua classe.

Improvisa-se um pequeno comício. Aurélio fala da importância da vitória do PMDB. Destaca que a classe operária de São Paulo não se dividiu, votou em bloco contra o governo. Agradece pelos votos operários que o reelegeram e coloca mais uma vez seu mandato à disposição de classe.

A *Tribuna Operária* ouviu, em entrevista, exclusiva, o relato de Aurélio Peres sobre sua campanha e o resultado das urnas. E também sua expectativa quanto às tarefas que deverá cumprir como porta-voz da classe operária na próxima legislatura do Congresso Nacional.

Tribuna Operária — Como você avalia a sua votação?

Aurélio — É o fruto da nossa campanha, que, apesar dos escassos recursos, foi bastante bem organizada. A gente deu o máximo. O conteúdo foi político, sem cair no xingamento, denunciando o regime militar, a exploração da classe operária, e mostrando a saída. Foi uma mensagem compreendida, esperada pela classe operária. E a prova está aí.

Outro aspecto — o que me deixa mais feliz — é o da qualidade. Se a gente faz um paralelo com os votos de 1978, ele mostra que os meus votos foram “depurados”. Em 78 eu surti como um candidato popular. Hoje, posso afirmar que 80% dos meus votos são operários.

“A boca de urna foi formada dentro das fábricas”

TO — Quais são os indicadores disto?

A — Na Zona Sul da cidade, por exemplo, você conta urna por urna e pode até dizer de onde vêm os votos. São votos operários. Aqueles que falaram tanto em classe operária e classe trabalhadora não tiveram isso. Tivemos vários colégios onde a boca de urna foi feita por grupos de operários das fábricas. A MWM, por exemplo, cobriu dez colégios. A Walita cobriu um, a Lafonte um, a Gradiente um, cada grupo com uma média de dez trabalhadores. Só na Zona Sul mais de 1.100 companheiros fizeram boca de urna.

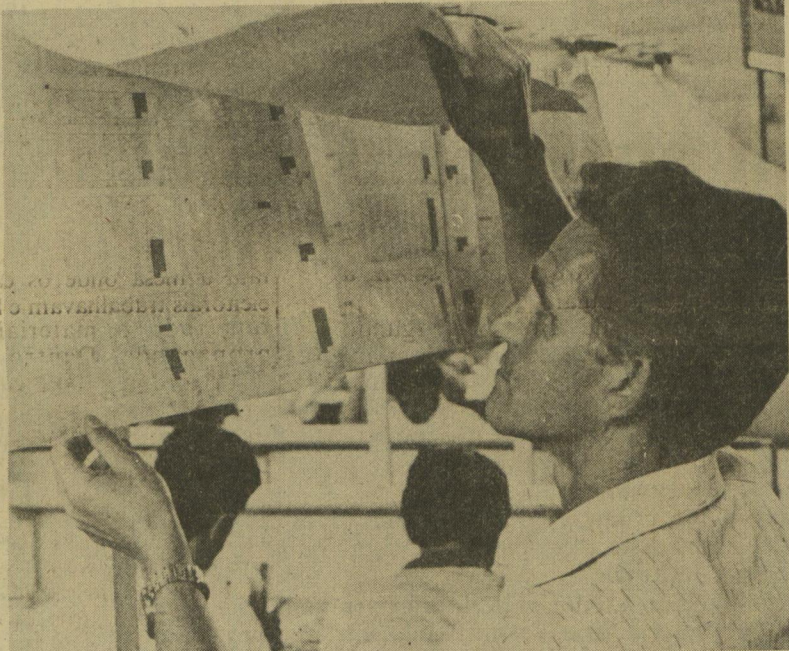
TO — E como eles atuaram?

A — É bom que se diga: nenhum deles recebeu nada, além de um magro lanche. Houve companheiros, trabalhadores, que inclusive pagaram a condução do próprio bolso. E aguentaram o dia inteiro trabalhando.

Houve o caso de um companheiro desempregado há um ano, no Socorro, que recebeu oferta de 2 mil cruzeiros para trabalhar para o PDS, mas preferiu trabalhar de graça na nossa campanha. Outro, do M’Boi Mirim, também recebeu oferta do PDS; no fim do dia, na manifestação da vitória, que fizemos, ele dizia: “Perdi 2 mil, mas valeu a pena”.

TO — Dizem que o bairro rende mais voto que a fábrica. É verdade?

A — Centramos a campanha na fábrica. Há até uma queixa do pessoal de bairro, de que eu desapareci de lá. O local de moradia não deixa de pesar. Mas é bom ressaltar que em todos os dormitórios operários



Na contagem dos votos, o peso do eleitorado operário

eu fui bem votado. Por exemplo em São José, Grajaú. Jardim Mirim, Pedreira, lugares onde eu nem fiz campanha, estou bem votado. Isto significa o que? Que ali votaram os companheiros que eu contatei nas fábricas.

“A classe operária é impiedosa. Não admite a divisão”

TO — Como você viu o desempenho do PT na votação?

A — O partido que se diz dos trabalhadores já foi para as urnas desmoralizado. A classe operária é impiedosa. Não admite a divisão. Abandonou seus falsos representantes, seus falsos líderes, e seguiu o caminho mais justo.

Da nossa parte, jogamos um papel importante, dentro do PMDB, para mostrar o caminho certo aos operários. Na boca de urna, dizíamos: o certo é votar contra o governo, votar no PMDB. E quem não ajuda atrapalha. Dentro do PMDB nos colocamos como opção para os operários.

TO — Depois desta votação, em que condições você volta a Brasília?

A — Volto para Brasília com muito mais autoridade que em 78. Nestes quatro anos eu era ainda questionado, até no PMDB, por falar em nome da classe operária. Hoje, não pode haver questionamento. Sou um representante da classe operária. Vou falar em nome dela.

TO — Que expectativa você tem para sua atuação no Congresso?

A — Nós nunca mantivemos grandes ilusões de que transformações profundas no país viessem do Parlamento. Mas as eleições têm um significado muito importante para os traba-

lhadores. A própria presença de bancadas oposicionistas mais comprometidas, nos planos estadual e federal, vai fortalecer a luta.

Meu mandato também vai ser diferente. Nos quatro anos que passaram, considero que não tive um mandato dos mais produtivos, não rendeu o que podia. E eu gostaria de justificar isto.

Primeiro, eu surti de um quadro eleitoral não muito definido, com uma base heterogênea. Segundo, faltou experiência. Foi um aprendizado, e em todo aprendizado você apanha. Qualquer operário sabe disso; na fábrica, leva uns seis meses para aprender, no Parlamento durou mais. E em terceiro lugar foram quatro anos de turbulência, bastante difíceis.

Mas conseguimos passar por eles, com arranhões mas sem ferimentos. Não entramos na jogada do governo. Permanecemos firmes. E nosso novo mandato estará muito mais a serviço da classe operária.

“É o início da grande aliança com os camponeses”

(Antes de concluir, Aurélio levanta também outra preocupação:)

É significativo para mim que também no interior eu tenha tido bastante votos de operários, de camponeses, de bóias-frias, como em Ribeirão Preto e Sertãozinho. É bom que isto aconteça, porque é um início da grande aliança dos operários com os camponeses. E vou me esforçar para que o meu mandato esteja também a serviço dos trabalhadores do campo.

Universidade de Brasília foi à greve

Enquanto uma greve de professores das universidades federais se espalhava desde o Pará até Santa Catarina, na semana passada, a comunidade universitária da UnB (Universidade de Brasília) arrancava êxitos importantes da Reitoria. E se as greves lideradas pela ANDES em plano nacional têm objetivos salariais, a da UnB registra particularidades.

Primeiro, não foi uma — foram duas greves articuladas, a dos estudantes e a dos professores. E segundo, tanto uma como outra colocaram em evidência a questão fundamental que é a democratização da universidade. Os estudantes reivindicavam o direito de escolher um quinto dos membros dos órgãos colegiados universitários, com direito a voz e voto. Os professores protestavam contra o não reconhecimento, pela Reitoria, de sua entidade, a Adunb (Associação dos Docentes da UnB). E tanto uns como outros manifestavam seu repúdio ao autoritarismo do reitor José Carlos Azevedo — um capitão de mar e guerra que desde os tempos do general Geisel comanda aquela Universidade como se fosse um encarcerado.

Ao final, o capitão-reitor foi obrigado a recuar, acatando as reivindicações estudantis — para o ano que vem, — enquanto a Adunb se fortalecia imensamente como entidade. O convênio para a residência dos estudantes de Medicina, deflagrador de todo o movimento, deverá ser discutido.

José Carlos Azevedo, no entanto, continua encastelado na Reitoria da Universidade. Mesmo depois que um plebiscito mostrou que 88% dos membros do corpo docente são contra a permanência do reitor, o general Figueiredo confirmou-o no cargo. E isto recoloca em evidência a maneira profundamente antidemocrática como são escolhidos os dirigentes das universidades federais brasileiras — por designação do Palácio do Planalto.



UnB parou para ter democracia

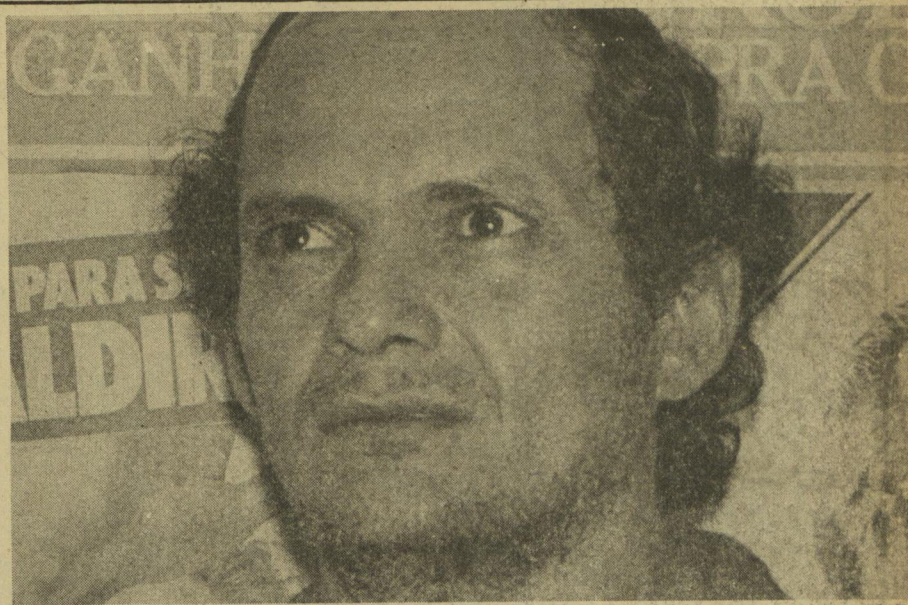
Motoristas derrotam PDS no Sindicato

Encerrado o terceiro escrutínio das eleições para o Sindicato dos Motoristas de São Paulo, venceu a chapa 3 com 4.384 votos. A chapa 2, apoiada abertamente pelo governo e pelos empresários, ficou com 3.866 votos. A vitória só foi possível graças a um trabalho mais ofensivo da chapa 3, que conseguiu esclarecer a categoria a ligação da chapa 2 com o governo.

Ficou comprovado o interesse do governo e dos empresários, principalmente da CMTC (Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos), em abocanhar o Sindicato. A CMTC chegou a liberar uns 80 funcionários para trabalhar pela chapa 2 e seus chefes fizeram propaganda aberta nas empresas. Vários membros da chapa 2 promoveram um jantar com Reinaldo de Barros, candidato derrotado do PDS ao governo estadual. Até o ex-interventor do Sindicato, Barbosa, trabalhou na campanha da chapa 2.

O que causou indignação nos ativistas sindicais é que membros da chapa 1, derrotada já no segundo escrutínio e formada por militantes e simpatizantes do PT, não se colocaram contra a chapa patronal. O próprio presidente do Sindicato, Ivan Gutierrez, membro da chapa 1, apoiou a chapa do governo.

A chapa vitoriosa é composta na sua maioria, por elementos combativos, saídos das recentes greves da categoria na campanha salarial.



José Costa, o presidente do Sindicato: “Vamos abrir a entidade para a categoria”

Metalúrgicos baianos retomam seu Sindicato

Nos dias 11, 12 e 13 realizou-se o segundo escrutínio das eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia. A categoria reafirmou seu repúdio ao pelego Manoel dos Santos, há 18 na entidade, votando massivamente na chapa 2, de oposição. Dos 2.284 votantes, 1.745 escolheram a chapa 2, 446 a chapa 1, da situação, e 18 a chapa 3.

Manoel dos Santos, com a ajuda da Delegacia Regional do Trabalho, lançou mão de todos os meios para fraudar o pleito: não forneceu a oposição a documentação dos membros das chapas adversárias, que estava irregular; recusou-se a fornecer a lista de votantes e o roteiro das urnas.

Os empresários também deram seu apoio ao imobilista Manoel dos Santos. Na Odebrecht, Oiameda e outras, tentaram impedir a entrada das urnas. Foram muitas as ameaças e provocações feitas pelos capangas do pelego. No segundo dia de votação, quando os fiscais da chapa 2 guardavam as urnas pela madrugada, um membro da diretoria do Sindicato atirou uma bomba de gás lacrimogênio para forçar o abandono da sala.

DAR VIDA AO SINDICATO

Mesmo com todas as falcaturas o pelego e os patrões não conseguiram impedir a vitória da chapa de oposição. Isto porque seus membros já tinham um trabalho antigo no interior do Sindicato e das principais fábricas. A atuação firme de vários membros da oposição na campanha salarial foi fundamental na derrubada dos esquemas do pelego Manoel.

Os 40 mil operários baianos agora possuem uma diretoria comprometida com sua organização e luta por melhores condições de vida e trabalho. José Costa, o novo presidente da entidade, afirmou à *Tribuna*: “Agora vamos fazer uma campanha de sindicalização em massa, pois o metalúrgico anseia participar da vida sindical. Nossa vitória significa abrir as portas do Sindicato para que todos possam participar da luta pela libertação da classe operária. Além disso, estamos comprometidos com a luta geral dos trabalhadores, pela liberdade de organização e pela formação da Central Única dos Trabalhadores, a CUT.” (da sucursal)



No II Enclat as propostas divisionistas foram vitoriosas, mas seu folego foi curto

Enclat de São Paulo renova Pró-CUT Nacional

Nos dias 19, 20 e 21 ocorre em São Paulo o terceiro Encontro das Classes Trabalhadoras (Enclat). A mobilização dos Sindicatos para o evento é pequena, com fracas assembleias para tirada de delegados, o que, em parte, é explicado pela maratona das eleições do dia 15 de novembro. A data do encontro foi fixada em decorrência da decisão do Pró-CUT Nacional de realizar sua reunião em Brasília no fim de semana seguinte, já com seus membros renovados no Estado.

Até o início de novembro a intersindical de São Paulo, hegemonizada pela corrente sindical petista, negava-se a participar da reunião convocada pela Pró-CUT. Juntamente em outras três intersindicais estaduais — a do Pará, Paraná e Goiás — estava convocando uma reunião nacional paralela para os dias 4 e 5 de dezembro.

Mas vendo o total isolamento em que caíram suas propostas divisionistas também no movimento sindical, várias lideranças petistas resolveram recuar: desconvocaram a reunião paralela e resolveram participar da reunião do Pró-CUT. Esta recuada enterra, pelo menos neste momento, o risco da divisão do movimento sindical a nível nacional.

Morrendo por inanidade a proposta divisionista, restam outras grandes batalhas para os trabalhadores, em que o movimento sindical

encontro deverá se posicionar sobre a data do próximo Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat): Vários sindicalistas propõem que o Congresso só seja feito em agosto. Argumentam que os sindicatos recebem o dinheiro do imposto sindical em fins de abril e que não haveria estrutura para realização do evento.

Esquecem-se, no entanto, o “Pacotão da Fome” do governo federal que prevê recessão e desemprego em massa. Deixam de lado a necessidade dos trabalhadores realizarem seu Congresso para tirar formas de luta contra as medidas anti-operárias do governo e de se unificarem a nível nacional para resistir a exploração. Para dar uma resposta o mais rápido possível ao desemprego e à recessão, sindicalistas consequentes estão sugerindo que o Congresso seja feito em fins de abril.

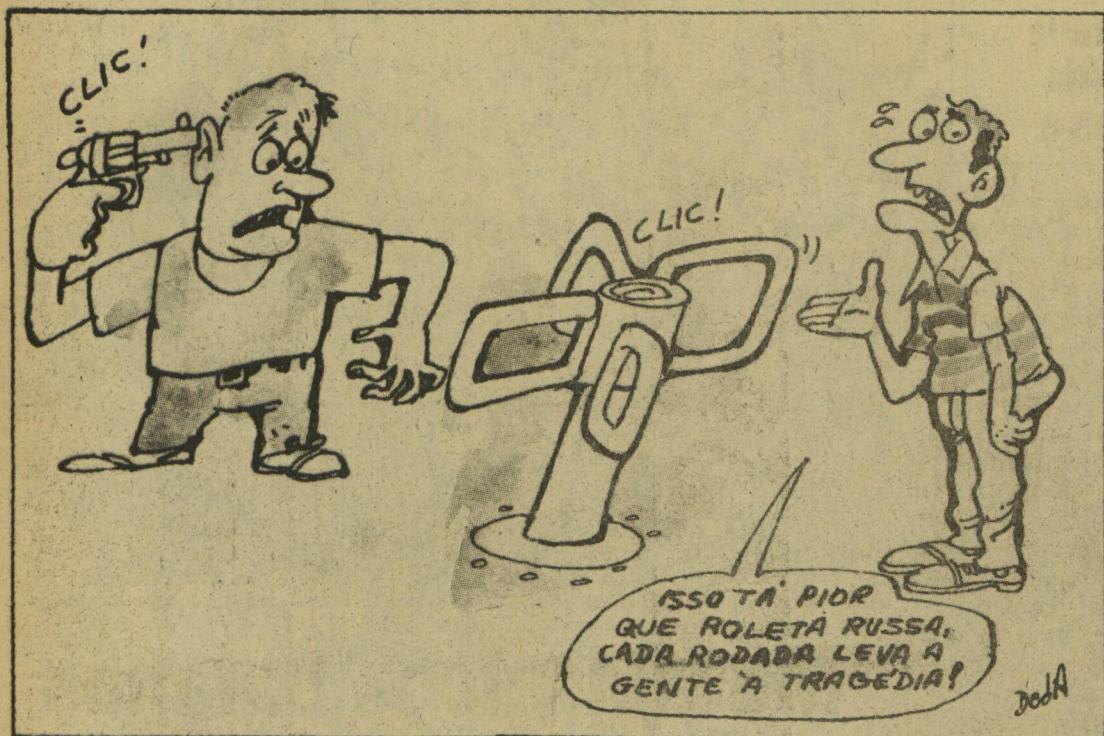
O Enclat também discutirá o critério de delegação do Conclat em 1983. Tanto os sindicalistas reformistas e pelegos como a corrente petista estão propondo que se reduza os números de delegados ao Congresso. Arnaldo Gonçalves, líder da corrente reformista, e Jair Meneguelli, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, afirmam que “o Congresso não é um comício”.

Ao reduzir o número de delegados, reduz-se a representatividade do Conclat, dificultando uma tirada de posições unitárias e de luta dos trabalhadores. O movimento sindical

DATA DO CDM

CDM

Fundação Maurício Grabois



Tarifa de ônibus aumenta 300% ao ano em Minas

No dia 1º de fevereiro de 1981 a grande maioria das passagens dos ônibus urbanos em Juiz de Fora custava 5 cruzeiros, e algumas seis cruzeiros. (Atualmente todas custam 28 cruzeiros).

Depois desta data, num golpe financeiro, ao inescrupuloso prefeito da cidade, Sr. Melo Reis, para facilitar a manobra financeira, reduziu para seis o número de empresas, tornando a exploração de transporte urbano um truste comercial e consequentemente deixando toda a cidade carente de condução e criando um negócio altamente lucrativo para o prefeito e seus secretários.

Seguiu-se, então, uma série de aumentos de tarifas de ônibus sem paralelos na história brasileira:

Na segunda quinzena de fevereiro de 1981 passou para Cr\$ 8,00.

em 22 de fevereiro de 81 para Cr\$ 9,00

em 22 de junho de 81 para Cr\$ 13,00

em 1º de dezembro de 81 para Cr\$ 18,00

em 22 de fevereiro de 82 para Cr\$ 20,00

em 25 de maio de 82 para Cr\$ 25,00

em 1º de agosto de 82 para Cr\$ 28,00

Num prazo de 18 meses a tarifa passou de 5 para 28 cruzeiros, ou seja aumentou 460%, numa média anual de 300% de aumento!

O prefeito tenta de todo modo ludibriar o povo, característica de todo político do PDS, alegando que a tarifa única estabelecida foi para beneficiar os trabalhadores. Isso é uma grande mentira, porque os bairros beneficiados com essa media foram Nova Califórnia, Grama e Benfica, justamente bairros de casa de campo, granjas e vila militar. Os bairros apinhados de trabalhadores como Bonfim, Bandeirantes, Eldorado, Marimbí e outros, sofreram grandes aumentos.

Ele alegou também que todos os aumentos foram aprovados pelo CIP, o que é mentira, pois este órgão não toma conhecimento de tais aumentos, conforme palavra do presidente da República em seu programa de TV.

Não é preciso ser um Rui Barbosa ou um Einstein para notar que o prefeito está negociando as tarifas de ônibus com os tubarões dos transportes coletivos. Estes carrascos do povo ainda foram candidatos nestas eleições. José Alberto Bedendo, secretário dos transportes e idealizador do plano, candidato a vereador; Fernando Rainho, secretário do prefeito, candidato a deputado estadual; e Eliseu Resende, ministro dos transportes, candidato a governador. E o prefeito ainda queria aumentar o ônibus para 40 cruzeiros, para custear a campanha do sr. Eliseu Resende. (De um leitor da TO em Juiz de Fora — Minas Gerais)

Servidora Ltda. trafica com trabalho operário

O sofrimento da fome e da humilhação. Eis o que sofremos diariamente como operários da SERVIDORA — Serviços de Limpeza Ltda., de Maria Honorina de Mello e Silva Santos, empresa que "vende" nossos serviços de limpeza às empresas da Polo Petroquímico.

Eu, uma das 60 operárias e operários que são escravizados e subornados por esta empresa, quero denunciar para os milhões de operários que são explorados neste Brasil afora, o que passamos. Quando saímos de férias os patrões da SERVIDORA só nos pagam a metade do que temos direito, e assim mesmo com atraso, só pagando o restante, muitas vezes, meses depois que retornamos das férias. Agora mesmo nossos patrões estão nos presionando para que tiremos nossas férias antes do mês de novembro, isto porque em novembro o salário mínimo (salário de fome) será reajustado e eles não querem nos pagar as férias com aumento.

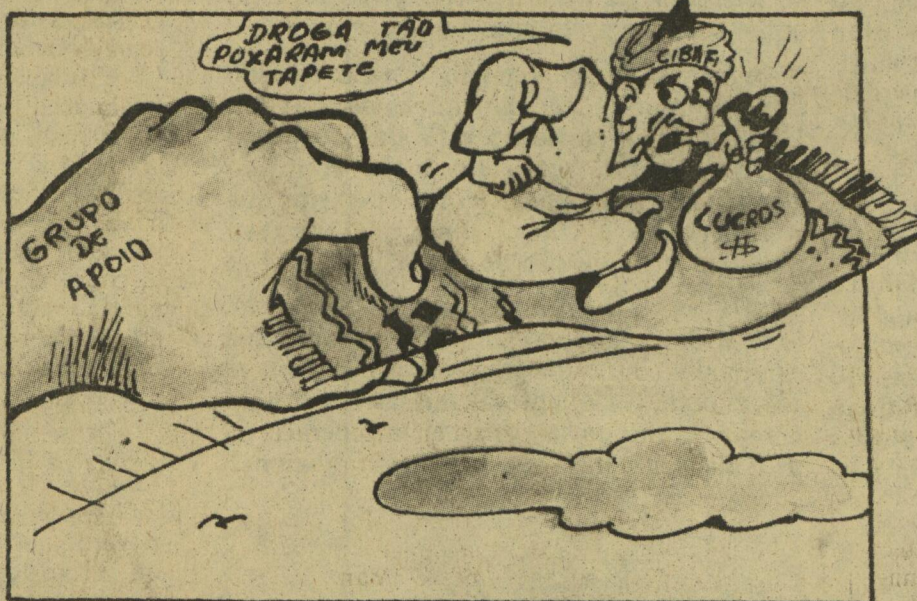
Como se não bastasse, trabalhamos sem equipamentos de segurança, tais como luvas, botas, capacetes, pois para obter estes equipamentos temos

que comprá-los. Outro dia um companheiro que trabalha na COBAFI queimou as mãos e os braços quando lidava com lactama (material químico corrosivo).

Por sermos na maioria operários vindos do interior e de outros Estados, no dia 15 de novembro tivemos que viajar para votar, e de antemão os patrões afirmam que todos os que faltarem no dia 16 de novembro, por motivo de viagem, terão seu dia descontado.

Como se não bastasse, somos humilhados pelos encarregados dos patrões que fiscalizam nossas bolsas, impedem que ingressemos nas fábricas com roupas comuns e nos forçam a usar fardas, que também são vendidas. Desde que saímos de casa, temos que estar fardados.

Mas temos esperança na luta do povo brasileiro pela libertação e acreditamos que as eleições abrirão espaço para nos organizarmos num Sindicato e, unidos e organizados, lutarmos por melhores dias. (Uma operária da SERVIDORA, Salvador, amiga da TO).



Cobafi ameaça demitir quem está lutando

Desde 1981 que os trabalhadores têxteis estão se reorganizando, se unindo e fortalecendo. Eis o motivo pelo qual os patrões começam a se desesperar e ameaçam demitir 40 trabalhadores da Cobafi até o final deste ano. Alegam que vão demitir por não estarem vendendo seu produto. Por outro lado, desde junho deste ano que iniciaram as obras de expansão da fábrica, as quais estão indo a todo vapor. Quando tal fato deveria gerar mais empregos, gera desemprego. Está claro para nós que estas

demissões são injustas e visam intimidar e barrar o avanço dos trabalhadores têxteis. Além do mais em setembro houve reajuste salarial o que não implica na redução dos lucros dos patrões.

Porém com todos esses ataques do patronato, estamos certos de que o Movimento de Oposição Sindical Têxtil está estruturado e é amplo. E assim sendo, nada conseguirá dissolvê-lo. (Grupo de apoio dos operários têxteis — Camaçari, Bahia)



Criança sendo medicada no hospital do Fogo Selvagem

Hospital precisa de ajuda popular para sobreviver

João Batista Marques, do escritório do Hospital do Pênfigo Foliário (Fogo selvagem) em Uberaba, Minas Gerais, nos conta que o hospital está passando uma situação muito difícil, pois tem uma despesa diária muito grande. Para se ter uma idéia, diariamente são consumidos 2 sacos de arroz, meio saco de feijão, 130 litros de leite e outros gêneros de primeira necessidade. Isso fora medicamentos e outras despesas.

O gasto de luz mensal é de 330 mil cruzeiros. O hospital mantém uma creche com 380 crianças e tem 170 pacientes adultos, incluindo os já quase recuperados. Também sustenta algumas seções de aprendizagem para marceneiro, mecânico, padeiro, costureira. A industrialização do lixo é executada pelos doentes que se encontram em recuperação. E as crianças fazem serviços mais leves, como lavagem de sacos de leite.

O hospital não recebe nenhuma ajuda das autoridades locais nem mesmo do governo. Quem tem ajudado a mantê-lo é o povo, inclusive de São Paulo.

O motorista de caminhão que trans-

porta o material para o hospital, Miguel Figueiredo Murta, nos disse que a situação do hospital é realmente grave. Disse que ele e seu companheiro de trabalho ficam muitas vezes sem almoçar para economizar dinheiro para o hospital.

Dona Aparecida é a diretora do hospital e dedica sua vida aos doentes. Ela recolhe todos os pacientes que foram postos no olho da rua quando o hospital foi fechado e acabou reconstruindo-o. O hospital é modesto e conta com apenas um médico e uma enfermeira, dr. Eustak e dona Conceição, ambos ex-doentes, curados graças ao esforço de Dona Aparecida. Diante disso, pedimos aos leitores desse jornal que nos ajudem a manter esse hospital. Precisamos de tudo: arroz, feijão, macarrão, roupas, sabão e dinheiro. E também de gliceria, com que dona Aparecida faz a pomada que ajuda a curar a doença, que ataca a pele. Ligue para 332-2919 em Uberaba, Minas Gerais, ou para nosso escritório em São Paulo, 32-9407 ou ainda para o depósito de materiais que recebemos em São Paulo, 266-1979. (Um colaborador da TO — Uberaba, Minas Gerais)



fala o POVO

A cabaram-se estas eleições e, com elas, encerrou-se mais esta batalha do povo brasileiro. Quando editamos o Fala o Povo ainda não havíamos recebido cartas sobre os resultados, já que eles ainda não estavam definidos. Mas o que se esboça é uma importante vitória da oposição nos principais Estados. Esperamos que Vocês nos contem como foi essa luta em cada lugar.

Continuamos pois a publicar cartas de denúncia. E destacamos a do aumento dos transportes coletivos, um sério problema que o povo enfrenta.

Fala o Povo continuará publicando todas as cartas como esta. Pois entendemos que mesmo se a oposição ganhar na maioria dos Estados estamos apenas começando uma nova e árdua batalha para cobrar de nossos candidatos as promessas feitas e para ir mais adiante, lutando para novas e maiores conquistas. (Olivia Rangel)

Fisiba só está em crise na hora de pagar os salários

Sempre que se aproximam as negociações dos têxteis, os patrões começam a espalhar boatos de que estão em dificuldades financeiras. Na mesa de negociações não fugiram à regra, afirmando que 1983 será de total recessão.

Como de hábito, a Fisiba tomou a iniciativa e antecipou a recessão, pois logo no início de outubro fez uma parada de doze dias, colocando seus empregados da produção que trabalham de turno em folga remunerada, alegando parada antecipada por falta de mercado.

Logo após o retorno desses empregados, a Fisiba já anuncia férias coletivas e demissões no quadro efetivo do pessoal, embora os patrões tenham se negado, na mesa de negociações a conceder garantia de emprego de um ano para todos os trabalhadores, justificando que não tinham interesse em demitir seus empregados.

Não entendemos esta crise financeira da Fisiba, quando em paralelo ela está construindo uma estrada de acesso à fábrica, está colocando uma prensa nova na área de produção, ampliando a área de embarque do depósito; construindo uma planta piloto e por aí vai. Suas despesas são altíssimas e ficam em torno de 500 milhões de cruzeiros. Com tudo isso sempre quem sai prejudicado é o trabalhador que é mal remunerado, mal alimentado e mal assistido, mas sempre produz o que a empresa programa mensalmente.

Não entendemos porque as contenções de despesas da Fisiba abrangem somente a folha de pagamentos, que representa apenas 10% do faturamento mensal da empresa. (Grupo de amigos têxteis da TO — Camaçari, Bahia)

Celg rouba até cobrando ligação gratuita por lei

Todos devem saber que na administração do prefeito Índio Arriaga foi feito um acordo entre a prefeitura e os posseiros urbanos, para que estes depositassem três mil cruzeiros na conta da Celg (Centrais Elétricas de Goiás), como forma de garantir a ligação da luz para as suas residências. Vários posseiros, inclusive eu, depositaram esta quantia na conta da Celg. Acontece que a lei que previa essa ligação foi considerada injusta, arbitrária e foi anulada. Por uma questão de justiça, nós teríamos o direito de receber o nosso dinheiro, sem prejuízo de sua desvalorização, ou seja, com juros e correção monetária.

Eu vendo isto fui até a Celg para reivindicar a devolução do meu dinheiro. Na primeira portaria do prédio a informante me disse que a Celg não devolveria o dinheiro. Fui até o balcão de reclamações, lá um funcionário me mandou ir reclamar na gerência. Chegando lá falei com a secretária e ela me disse que eu não teria direito à devolução.

Chegaram até a perguntar se eu era advogado. Disse que não e me pediram para arrumar um. Respondi: "Será que pra todos os ladrões, a gente tem que arrumar advogado? Será que esses três mil cruzeiros cobrados injustamente desses posseiros não foram vários roubos? Por que não tem polícia para os ladrões que roubam de tanta gente? Por que o consumidor, quando atrasa o pagamento da energia, mesmo que seja um dia, tem a sua luz cortada?"

Os moradores do Jardim Goiás, estão muito mal servidos pela rede de energia elétrica da Celg. Em determinadas horas do dia nem as televisões funcionam. Quando a Celg instalou a rede, ela a deixou incompleta. Por que isso? Para que depois aparecessem os políticos do PDS, como Neuza Pereira, dizendo que foi ela que conseguiu energia para o Jardim Goiás, quando na verdade a associação de bairro (José Lindolfo —

Barragem de Machadinho desabrigará cem mil

"O governo diz não ter dinheiro para desapropriar latifundiários do Rio Grande do Sul para servir os 'sem terra', mas tem para expulsar milhares de agricultores da Bacia do Uruguai, de terras altamente produtivas, para cobrir com água". Essa afirmação do agricultor José Lozo dá bem a medida da revolta dos moradores da barragem do Rio Uruguai que estão na iminência de serem desalojados devido à construção de 22 barragens.

Está previsto para o ano que vem o início da construção da primeira barragem, a de Machadinho, que desalojará 3.500 famílias nos municípios de Viaduto, Maximiliano de Almeida, Getúlio Vargas e outros. No final, construídas todas as barragens, serão cem mil pessoas desalojadas e que não possuem outro lugar para se estabelecer. Afora os agricultores, que terão de arranjar outra terra, serão inúmeros os problemas sociais criados. A cidade de Maximiliano de Almeida, por exemplo, hoje com 2 mil habitantes, se verá de súbito com 10 a 12 mil pessoas que trabalharão no canteiro de obras. Terminada a barragem, virá o impacto do esvaziamento.

A Eletrosul, que promete ressarcir os agricultores, não



leva em conta que os sem-terra ficarão desabrigados e desempregados, como os agregados, posseiros, meeiros, arrendatários e peões. Sem falar naqueles agricultores com 20 hectares ou menos, que se forem desalojados nunca mais poderão comprar um pedaço de terra. A preocupação dos agricultores da região aumenta, pois sabem o que está acontecendo com os "afogados" do Passo Real. São 350 famílias desalojadas para a construção da bar-

ragem de Passo Real e que estão há 12 anos esperando solução.

Os agricultores, organizados desde já, afirmam que não aceitam ir para o norte e vão querer terra por aqui, nem que tenham que criar novas Encruzilhadas Natalino, pois eles não concordam que o Estado, que até pouco tempo era celeiro do país, hoje se preocupe somente em exportar gaúchos. (Do correspondente — Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Povo expulsou Maluf do metrô

Apesar de expulsos no último dia 26 de outubro da estação da Sé do metrô, os cabos eleitorais e o verme chamado Maluf, juntamente com seus capangas de grava-ta, não tendo o mínimo senso do ridículo, compareceram em outras estações metroviárias, para serem mais uma vez

apupados pela ovação popular.

A Companhia do Metrô sempre impôs aos usuários a manutenção da limpeza em suas dependências, mas não foi capaz de impedir, com esta visita indigesta, a sujeira deixada pela distribuição de panfletos. Isto prejudicou

sensivelmente os faxineiros, que ganham menos do salário mínimo e que sofreram para recolher todos os papéis jogados fora. O Maluf foi expulso praticamente em todos os lugares onde apareceu. (Um metroviário, leitor da Tribuna Operária — São Paulo, capital)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A luta legal revolucionária

ão é raro encontrar revolucionários que olham com desprezo a atividade legal. Eles confundem atuação legal com conciliação e oportunismo; julgam que só o trabalho ilegal é revolucionário. Atrás deste revolucionarismo, aparentemente radical, em geral o que existe é uma concepção estreita e contrária ao contato com as ambas massas. É uma justificativa para a atividade da seita, limitada aos pequenos círculos.

CONTATO COM O POVO

É certo que para conduzir o processo revolucionário, a classe operária não pode restringir a sua atuação aos limites fixados pelas normas burguesas. Isto seria condenar-se fatalmente ao reformismo. A própria organização de vanguarda da classe operária não poderia existir no Brasil se baixasse a cabeça para a proibição de funicionamento que lhe foi imposta por lei na maior parte dos seus 60 anos de existência. Mas numa situação em que as massas ainda não estão convencidas da necessidade da ação revolucionária, é indispensável aproveitar todas as brechas para ampliar o contato com o povo. Em cada momento é preciso estar atento para os motivos que mobilizam os trabalhadores e as formas que possibilitam a sua participação na luta e facilitam a elevação do seu nível de consciência política através da experiência concreta. Saber defender as idéias revolucionárias em todas as situações, mesmo nas instituições mais reacionárias é por isto mesmo uma questão das mais importantes. O verdadeiro revolucionário tem obrigatoriamente que aprender a combinar as formas ilegais de luta com **todas** as formas legais.

LUTA ELEITORAL

A experiência da luta eleitoral é bastante esclarecedora. A própria burguesia, na disputa pelo poder entre as suas diversas facções, precisa levar a política às massas — e inevitavelmente abre a possibilidade do proletariado também difundir as suas idéias e incorporar amplas camadas populares na atividade revolucionária.

A este respeito Lênin indicava que “os verdadeiros proletários, com a ajuda da gente pobre, inorganizada e completamente oprimida, repartam entre si e distribuam volantes, percorram as casas dos operários, as palhoças dos proletários do campo e dos camponeses que vivem nas aldeias longínquas, entrem nas tabernas freqüentadas pelas pessoas mais simples, introduzam-se nas associações, sociedades e reuniões das pessoas pobres; que falem ao povo não de forma doutoral (e não muito à parlamentar), não corram por nada deste mundo atrás de um ‘lugarzinho’ no parlamento, mas despertem em toda parte o pensamento, arrastem a massa, tomem a palavra da burguesia, utilizem o aparelho por ela criado, as eleições por ela convocadas, seus apelos a todo o povo e tornem conhecido deste último o bolchevismo, como nunca haviam tido a oportunidade de fazê-lo fora do período eleitoral (sem contar, naturalmente, os momentos de grandes greves, quando este mesmo aparelho de agitação popular funcionava em nosso país com maior intensidade ainda)”.

PAPEL DA VANGUARDA

A atividade legal não pode, é claro, decidir a vitória da revolução — sobre isto não deve haver dúvida — mas permite mobilizar amplas massas e canalizar inúmeras manifestações de protesto contra as arbitrariedades e injustiças, para o leito da revolução. E permite, mesmo às parcelas mais atrasadas politicamente, compreender o caráter burguês da “ordem” fixada pelas leis no sistema capitalista. Não será longe das masas, agitando bandeiras “avançadas” mas incompreensíveis para a maioria, que a vanguarda poderá exercer a sua função de direção. No próximo artigo, organização de massas e organização de vanguarda.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luiz Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011) **Telex:** 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900.
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A (Praça da Saudade) - Caixa Postal: 1439 - Manaus - CEP 69000. **Pará:** Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.
Maranhão: Rua da Paz, 417 - Altos - Centro - São Luiz - CEP 65000. **Paraná:** Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina - CEP 64000. **Ceará:** Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. **Rio Grande do Norte:** Rua Fonseca e Silva, 1098 - sala 102 - Alecrim - Natal - CEP 59000. **Paraná:** Rua Padre Meira, 30, sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. **Rio Verâncio Neiva,** 318, 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. **Pernambuco:** Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. **Rua 13 de Maio,** 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300. **Alagoas:** Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. **Sergipe:** Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP 49000. **Bahia:** Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. **Av. Getúlio Vargas,** 260, sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. **Rua Corpo Santo,** 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. **Av. Juracy Magalhães,** 180 - sala 204 - Itabuna - CEP 45600. **Minas Gerais:** Rua da Bahia, 573, sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7805 - CEP 30000. **Rua do Contorno Rodoviário,** 345/355 - Contagem - CEP 32000. **Galeria Constança Valadares,** 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. **Goiás:** Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. **Distrito Federal:** Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. **Mato Grosso:** Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. **Espírito Santo:** Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. **Rio de Janeiro:** Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. **Rua Carvalho de Souza,** 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. **Av. Amaral Peixoto,** 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. **Rua Nunes Alves,** 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. **São Paulo:** Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 09700. **Rua Professor Luiz Rosa,** 94 - Centro - Campinas - CEP 13100. **Paraná:** Av. Wiston Churchill, 2030, sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. **Rua Sergipe,** 892, salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. **Rio Grande do Sul:** Rua General Câmara, 52, sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. **Rua Dr. Montanary,** 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. **A Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjés, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531.8900 - São Paulo, SP.

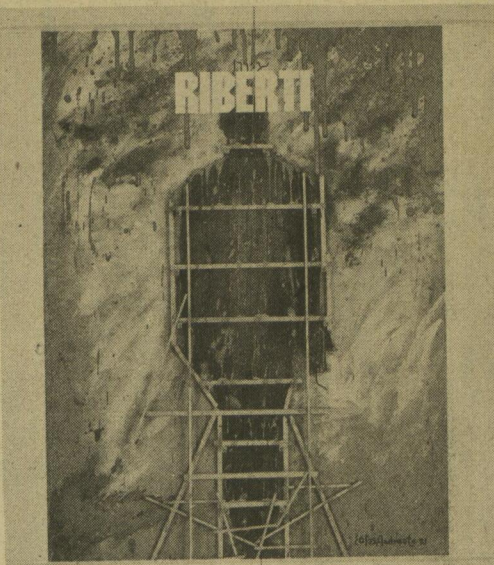
O bom quilate do desgarrado Roberto Riberti

A partir de 1976 surgiu, no seio da música popular brasileira, uma geração de compositores e de intérpretes com a mentalidade calibrada no diapasão da alegria, do tamborim, da tristeza, do pandeiro, da liberdade, do cavaquinho, da fome, do reco-reco e da realidade do povo brasileiro. Esses artistas desembarcaram com novas composições, com novos cantos, com novas poesias e passaram a lidar com firmeza e menos ingenuidade no trato com as perversas fábricas gravadoras.

No caldo grosso do caldeirão artístico da segunda metade dos anos 70, veio o compositor Roberto Riberti, que não vacilou no instante que percebeu que a gravadora que havia produzido seu primeiro seu primeiro elepê, estava mais interessada em arranjar um jeitinho pra driblar com mais cinismo a fiscalização do imposto de renda, do que distribuir e divulgar seu trabalho, que é o mínimo que um compositor estreante pode exigir da ‘rainha’ toda poderosa.

Na linha de frente dos independentes

Ainda mais que os contratos que são impostos aos artistas já chegam padronizados e talentos; ou seja, regados na sacanagem das multinacionais. Roberto Riberti disse não e partiu no encontro da justiça alternativa que é fazer um disco independente. Por castigo ou destino tinham botado sua música “Passageiro” na trilha musical de uma novela. O compositor arregaçou as mangas e botou o pé na estrada, foi pra luta, e hoje é um dos principais artistas da linha de



Roberto Riberti, num disco independente

Os trabalhadores fazem sua arte na nova Nicarágua

Após os duros anos de luta contra a sangrenta ditadura somozista, o povo nicaraguense trata de reconstruir seu país. E no campo cultural importantes vitórias foram conquistadas, a começar pela extinção do analfabetismo e o estímulo às manifestações artísticas populares. Atualmente o pequeno país da América Central desenvolve sua Terceira Mostra Nacional de Teatro Nicaraguense, com encerramento marcado para o dia 19 de dezembro, com a participação de 13 grupos teatrais.

Alan Bolth é um dos organizadores da Mostra Nicaraguense: “Neste momento, em todas as regiões, os grupos teatrais mobilizam-se em brigadas no campo e nas indústrias. Os camponeses participam desde a primeira Mostra, mas nos surpreendeu o enorme número de grupos teatrais das zonas rurais que se incorporaram na deste ano.” Segundo Bolth, “será uma Mostra verdadeiramente nacional, onde o campo e a cidade, a arte e o trabalho, a Costa Atlântica e o Pacífico se immanarão estreitamente. E será dado um acompanhamento sistemático aos grupos, para o que formamos oficinas de monitores teatrais.”

Como o país atravessa dificuldades financeiras, devido às

frente da batalha dos independentes.

No vaivém que é a vida dos desgarrados que perambulam nos corredores dos becos culturais, trombamos com o compositor Roberto Riberti, na porta do estúdio de uma das emissoras paulistas. Ai, recebemos o seu terceiro elepê, ou melhor, o seu segundo elepê independente que comprova o carinho e a certeza do artista que mergulhou pra valer no fuzuê que é fazer música na maior ‘Metrópole Fofoqueira’ do País.

O tempêro da festa de um LP de garra

O novo trabalho do compositor Roberto Riberti, reúne onze composições de bom quilate. O lado A abre com ‘Aventura’ e desemboca nas veredas de ‘Primeira Viagem’, ‘Velho Ateu’ parceria com Eduardo Gudim, ‘Sonhador’, ‘Bicho da Sede’, ‘Moleque Chorão’ que é um cururu de autoria desconhecida, e ‘Valsa do Avô’ que é um abraço pro seresteiro Caetano, seu avô paterno.

O lado B navega nas ondas das melodias de ‘Arco Iris’, ‘Simplesmente’ de Paulinho Nogueira, ‘Regato’, ‘Salário de Morte’, é um samba que sapateia nas pegadas do sambista Paulo Vanzolini, e ‘Salve’. Agora vamos tomar fôlego para continuar na bonita festa. Os arranjos do disco ficaram aos cuidados das batutas de Edson Alves, Eduardo Gudim, Paulo Bellinati, Filó, Paulinho Nogueira e Celso Machado. No instrumental, no coro e nas palmas que alimentam a festa, encontramos o tempêro na medida certa de um Roberto Sion, Arismar do Espírito Santo, Branca de Neve, e outras cobras criadas, como a cantora Maria Martha e o ator-poeta Kaximbo.

A capa desse elepê de Roberto Riberti, foi transada na base dos pique do mestre Elifas Andreato, e a contra-capas tem por apresentação os saques da crônica ‘Observação a olho nu de um surfista de cumeiras e viadutos do escritor Lourenço Diaféria. (ROQUE S. de SOUZA)



Os milhares de peemedebistas resistiram à garoa e caíram na dança durante a noite

Todo artista tem que ir aonde o povo está

Dezenas de artistas e intelectuais trocaram os palcos e gabinetes pelos palanques durante a recente campanha eleitoral. Chico Buarque, Milton Nascimento, Fafá de Belém, Cristiane Torloni, Gianfrancesco Guarnieri, Eva Wilma e tantos outros incorporaram-se à luta pela vitória da oposição nas urnas.

“Todo artista tem que ir aonde o povo está”, a frase de uma das canções de Milton Nascimento e Fernando Brant, foi repetida de norte ao sul do país em shows-comícios. “Na oposição está as pessoas mais íntegras”, afirmou Milton, justificando seu apoio aos candidatos do PMDB, para os quais realizou um show em Minas Gerais, durante um comício com a presença de 200 mil pessoas, e participou de outro em São Paulo, para cerca de 100 mil pessoas.

Outro mineiro, João Bosco, também prestigiou os comícios peemedebistas. “Não sou candidato a nada, meu negócio é batucada, mas meu coração não se conforma. O meu peito é do contra”, diz ele, citando uma de suas composições com Aldir Blanc. João Bosco foi dos mais aplaudidos em São Paulo quando, no “Comício da Vitória” do PMDB cantou “O Bêbado e a Equilibrista”.

A atriz Eva Wilma lembrou a tradição de luta oposicionista dos artistas. “Há dez anos atrás, nós, artistas, sentávamos nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, protestando contra a violência da repressão e da censura. Hoje estamos novamente na rua. Mas desta vez, para festejar a vitória do povo sobre o arbítrio e a opressão. Para festejar a luta pela liberdade!”.

Regina Duarte também justificou sua luta oposicionista: “Derrotar o autoritarismo nos dará condições para lutar contra as múltiplas



Milton Nascimento foi a atração do Show, empolgando a multidão

formas de discriminação das mulheres. Hoje, levantar a questão da mulher é um dos caminhos para unir todos os cidadãos interessados em construir uma sociedade mais igualitária”.

Contrariamente à oposi-



Oswaldinho

ção, que teve em seu bojo artistas de talento, engajados na campanha política e participando gratuitamente dos comícios, o partido dos generais, o PDS, pagou altos cachês para ter, em seus comícios, grupos de roque e cantores, servindo de isca para atrair o público à falação de seus candidatos antipopulares. E, enquanto a oposição anunciava, Brasília fora seus shows-comícios, o PDS escondia do povo o comício. Anunciava somente o show, como fez no Rio de Janeiro, por exemplo. E nesse Estado, quando o povo percebeu o engodo, assistiu o show e vaiou, demoradamente, o general Figueiredo e seus parceiros de partido, na hora do comício.

“Não posso deixar de elogiar a **Tribuna Operária** pela ação desenvolvida durante todos estes anos, principalmente junto à classe operária, levando a informação, o debate e ajudando na sua organização. Estou certo de que ela contribuiu em muito para o avanço da luta operária e muito poderá contribuir ainda”.

(Aurélio Peres, Operária metalúrgico, deputado federal reeleito em São Paulo)



Ajude a imprensa operária a crescer

Desejo receber em casa a **Tribuna**. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 eds.) — Cr\$ 5.000,00
Semestral de apoio (26 eds.) — Cr\$ 2.500,00
Anual comum (52 eds.) — Cr\$ 2.500,00
Semestral comum (26 eds.) — Cr\$ 1.250,00

Nome:
Endereço:
Bairro:
Cidade:
CEP:
Data:

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Metade do Brasil foi votar dia 15

Depois de 17 anos, o povo reconquistou o direito de escolher seus governadores. Por isso, com alegria quase metade da população do Brasil foi às urnas dia 15 de novembro. Em vários Estados o povo mostrou a sua repulsa ao governo votando na oposição e vaiando os candidatos do PDS quando estes chegaram para votar. Amedrontado com o veredito do povo, Figueiredo votou zangado e ainda ameaçou os repórteres: "Não faz pergunta senão leva coice!".

Enquanto o povo fazia a festa no dia da votação, os homens do governo passavam o dia com medo. Roberto Magalhães, candidato do PDS ao governo, saiu para votar acompanhado por seus agentes de segurança, que nervosos diziam que os "agiladores estão por aí". No Espírito Santo, na cidade de Serra, o candidato a vice-governador pelo PDS, José Maria Feu Rosa, saía acompanhado por policiais ostensivamente armados, intimidando os eleitores ou distribuindo dinheiro para que os eleitores votassem em seu partido. Em Santos o deputado do PDS paulista, Erasmo Dias, afirmava que sua metralhadora já estava "azeitada, pronta para funcionar".

O PDS utilizou todo seu poder econômico para conseguir votos

Quando tinha oportunidade, o povo também mostrava todo o seu ódio a estes políticos do PDS. Na Bahia, o governador Antonio Carlos Magalhães foi votar no Colégio Central, em Salvador, e um grande número de eleitores o vaiaram. A sua temível polícia de segurança, conhecida por "Savak", esperou o governador sair do colégio para dar um show de pancadaria contra as pessoas que estavam com propaganda do PMDB. De armas em punho, a Savak saiu derrubando pessoas com coronhadas. Telma Dolores Malheiros, de 19 anos, foi esmurrada no estômago e no olho esquerdo por um policial, causando revolta dos presentes.

A disputa pelo voto do povo foi intensa. O PDS utilizou todo tipo de pressão e colocou o seu poder econômico para conseguir votos. O

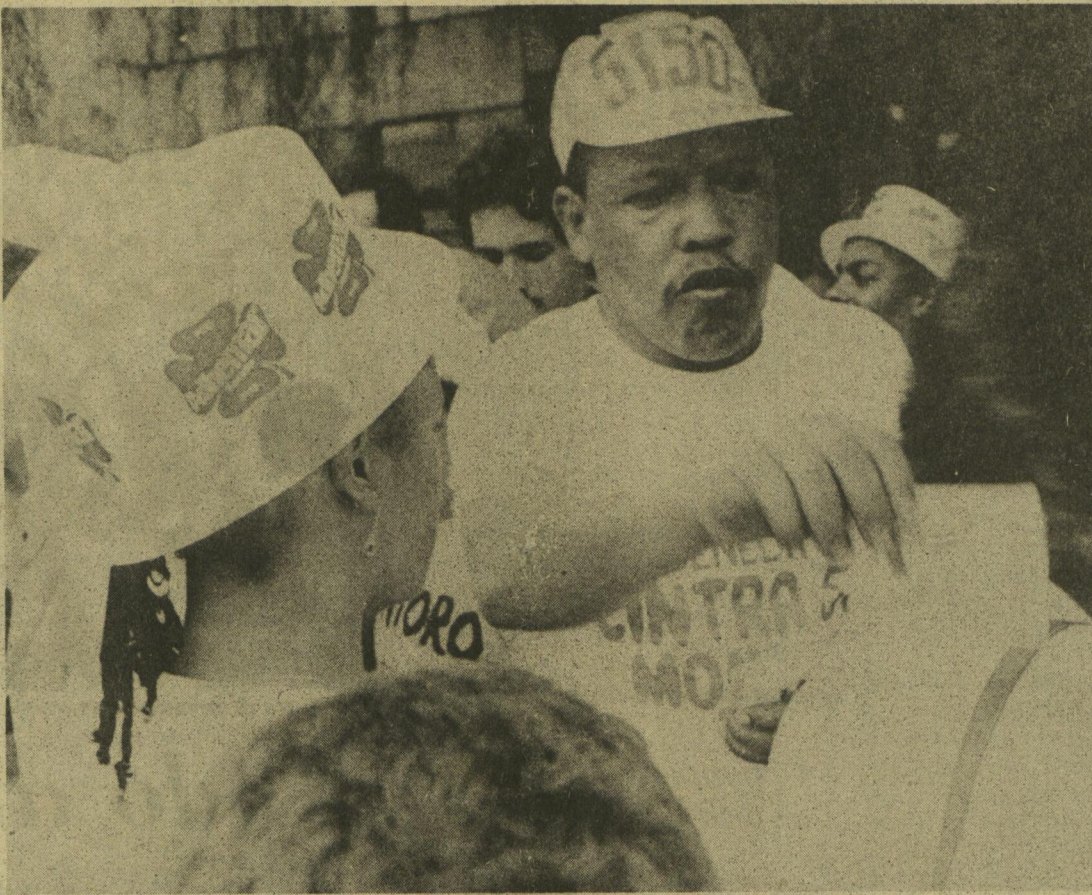
PMDB, e particularmente os candidatos populares, mobilizaram milhares de pessoas, que com enormes sacrifícios trabalharam para derrotar o partido do governo. Somente em São Paulo existiam 350 mil pessoas trabalhando na "boca da urna" no dia da votação. No final do dia havia 200 toneladas de papel espalhados em frente os colégios onde o povo foi votar.

Nas escolas Professora Joaquina Fagundes, em Itaberaba, na zona oeste de São Paulo, diversos cabos eleitorais do vereador Benedito Cintra, candidato a deputado estadual pelo PMDB, se destacavam na busca do voto de algum eleitor indeciso. A luta era acirrada, pois o eleitor era obrigado a enfrentar um verdadeiro corredor polonês recebendo "santinhos" dos mais diversos candidatos. Mas uma grande parte dos eleitores dizia que já estava decidido a vota em Benedito Cintra.

Um batalhão de pessoas na conquista de votos na boca das urnas

Um senhor de bigodes brancos, motorista de ônibus trabalhando para candidato a senador Almino Affonso, do PMDB, calmo, mas incansável, ficava estrategicamente distribuindo o seu material. Enquanto os cabos eleitorais do PDS e do PT se unificavam em criticar o PMDB, o motorista distribuía a propaganda do seu candidato e gritava: "Um, dois, três, Montoro no governo e Maluf no xadrez".

Diversos cabos eleitorais que trabalharam para o PDS votaram em candidatos do PMDB. Confessavam abertamente que estavam fazendo



Convencendo o eleitor a votar nos candidatos populares do PMDB na Escola Joaquina Fernandes

aquele trabalho apenas pelo dinheiro que estavam recebendo, mas estavam torcendo pela vitória do candidato a governador do PMDB. Na Escola Celso Leite, no bairro Bela Vista, em São Paulo, um cabo eleitoral estava sentindo tão mal em estar vestindo uma camisa do candidato a governador pelo PDS que em um determinado momento a retirou. Foi ameaçado de não

receber se não vestisse a camisa. Disse que estava fazendo aquele trabalho só porque estava desempregado e precisava muito daqueles quatro mil cruzeiros.

Em uma outra escola da capital paulista, um soldado da PM acompanhava com interesse a propaganda do candidato a deputado federal Aldo Rebelo, do PMDB. No final disse que "o governo não

nos deixa votar porque sabe que nós votaríamos na oposição, pois somos explorados com um salário baixo". Alguns odiados políticos se deram mal. O ex-governador Paulo Maluf, em companhia do prefeito Salim Curiati, foi pedir votos numa fila de votação, mas uma eleitora se recusou a receber sem cumprimentos e os chamou na cara de "vagabundo".



O vereador Benedito Cintra foi votar e ganhou vários votos

O povo mostrou que não aceita as arbitrariedades, corrupções e desmandos praticados pelos Malufs da vida. Para a população paulista ainda está gravado em sua memória as pancadarias dos capangas do Maluf na Freguesia do Ó, as mordomias gastas pelo ex-governador

paulista para agradar seus amigos visando a sua candidatura à presidência da república. Na hora de depositar seu voto na urna o eleitor de todo o país pesou todos os desmandos ocorridos nestes 18 anos. E ficou claro a necessidade de unir forças para derrotar este governo militar que aí está.

Povo nas ruas festeja eleições

O povo saiu às ruas para dar seu apoio ao PMDB em todo o país, principalmente às vésperas da eleição. Shows-comícios gigantescos foram realizados em diversos estados do país. Os comícios de encerramento da campanha do PMDB levou 100 mil pessoas em São Paulo, 150 mil em Recife, 200 mil em Belo Horizonte. Artistas, cantores, intelectuais, esportistas também se juntaram ao PMDB nesta corrente para pôr fim ao regime dos generais.

No dia das eleições também houve festa em todos os locais no final da votação. Em frente à escola Joaquina Fernandes, em Itaberaba, zona oeste de São Paulo, as crianças fizeram um verdadeiro carnaval com os papéis que estavam espalhados pelo chão. Todos os carros que passavam eram inundados de papéis. Alguns motoristas se zangavam, mas depois acabavam se convencendo que era melhor aceitar as brincadeiras.

Os operários estão contentes por ver o governo derrotado em São Paulo

No bairro da Bela Vista, em São Paulo, a festa da Vitória foi animada com uma bateria da escola de samba Vai-Vai, que tem alguns de seus membros que apoiaram a candidatura Aldo Rebelo. Até uma garrafa de pinga foi arrumada, apesar da proibição de se vender bebidas alcoólicas no dia da eleição. Durante uma hora houve samba na rua, com grande participação popular.

Mas nos dias seguintes à eleição, à medida que ia saindo o resultado das urnas, as conversas nos bares, nas fábricas e nos ônibus giravam em torno das eleições. Na porta da fábrica de cervejas Brahma, no bairro Bela Vista, em São Paulo, um operário pernambucano dizia: "Na terça-feira de manhã o pessoal dentro da fábrica só falou em eleições. Todos já davam como certa a vitória do PMDB, do Montoro. Agora com o resultado, o pessoal está animado, está contente. Todo mundo gostou de ver o governo derrotado, afinal



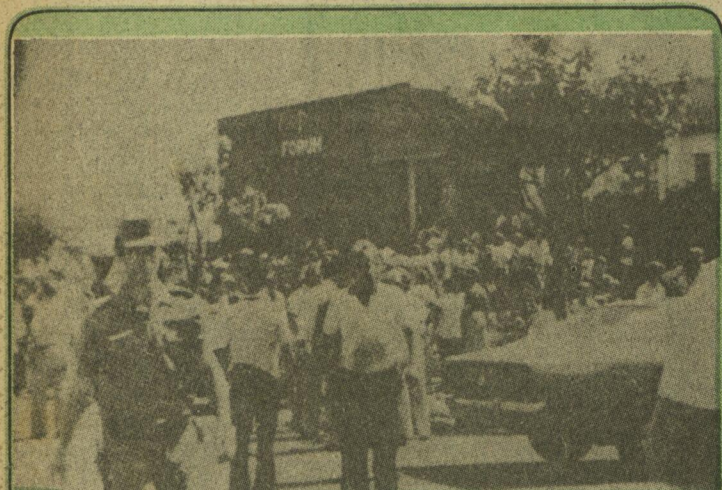
Durante os comícios do PMDB multidões gigantescas iam às ruas ouvir as mensagens de mudança. Acima, foto de um comício em Recife e ao lado o povo no Rio de Janeiro

ninguém mais aguenta a inflação, o aluguel caro".

Um operário da manutenção há 15 anos na Brahma está consciente que é necessário a eleição direta para presidente da República. "Eu já previa a derrota do governo — diz ele — mas ainda tem os homens lá de Brasília. Eu acho que a situação não muda muito com eles lá em cima".

"Eu sempre votei no PMDB e nunca pensei dar meu voto ao governo"

Entre os operários todos são unânimes em ver seu inimigo principal no governo e alguns também reconhecem que entraram numa canoa furada ao votar no PT. Um trabalhador, com um mês de firma na Brahma, diz que votou no PT e está arrependido. "Desperdieci o meu voto, foi um voto perdido. Os jornais falavam tanto do PT... Mas já estou arrependido. Eu sempre votei no PMDB, nunca pensei em dar um voto sequer para o governo, que eu não gosto nem um pouco. Mas desta vez votei errado".



População revoltada em frente ao fórum de Corbélia

Corbélia não aceitou fraude

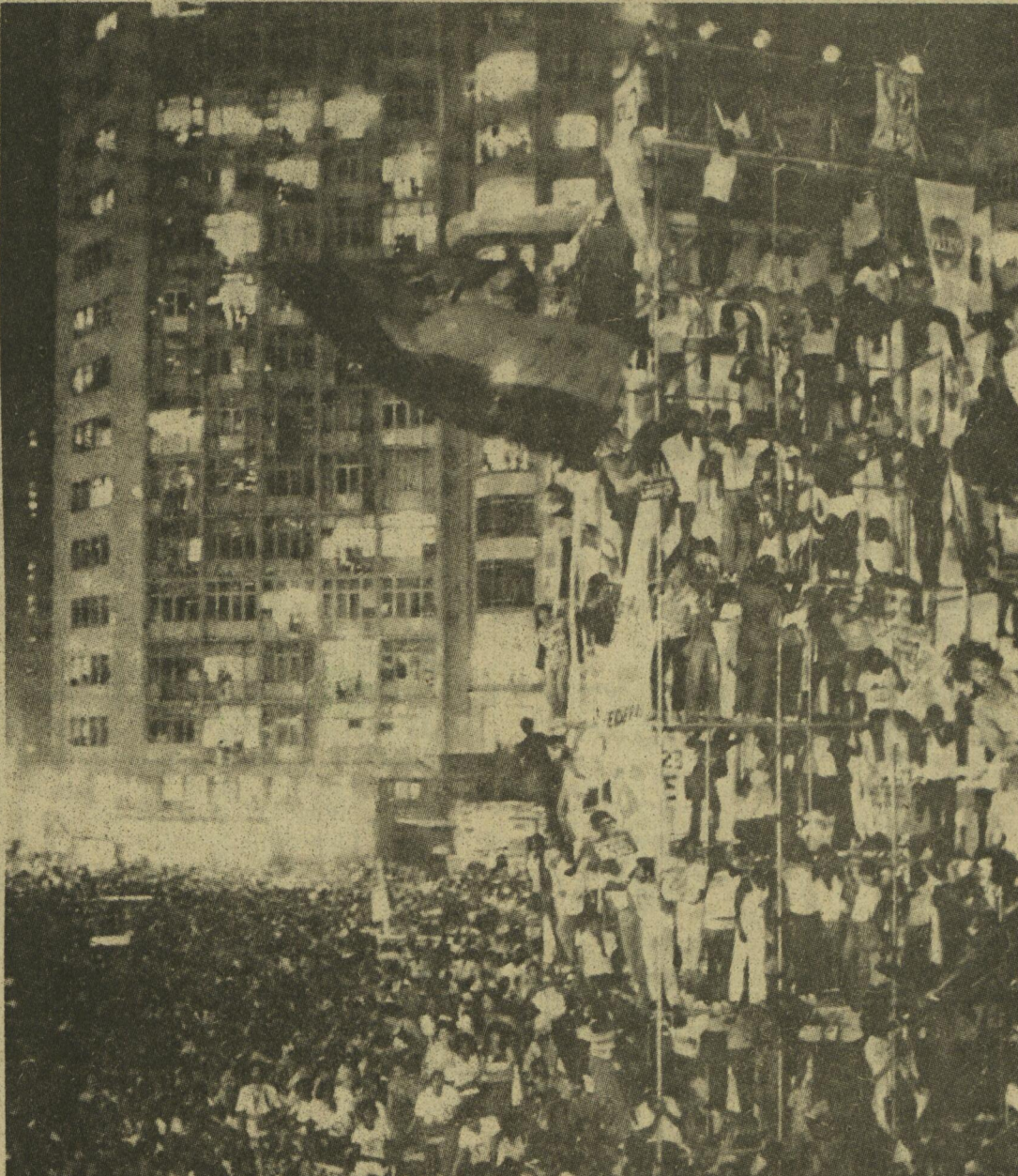
A população de Corbélia, no oeste do Paraná, deu uma lição de democracia e de combatividade. O juiz eleitoral Edmundo Leão, junto com candidatos do PDS da cidade, violaram as urnas modificando os votos a favor do partido governista. A população revoltada com este fato tentou linchar os responsáveis pela fraude, inclusive o juiz.

O PMDB era considerado o favorito nas eleições municipais de Corbélia. O juiz eleitoral já havia manifestado sua preferência pelo candidato do PDS e logo que as urnas chegaram ao fórum da cidade, Edmundo Leão não permitiu a entrada de ninguém no local. Mas os fiscais do PMDB viram duas pessoas no gabinete do juiz, onde estavam as urnas. O PMDB comunicou a população da cidade e cerca de três mil pessoas foram para a frente do fórum,

vigiá-lo durante a madrugada.

A apuração deveria começar às 8 horas da manhã, mas o juiz continuava no interior do seu gabinete sem dar explicações. Por volta das 9 horas várias pessoas invadiram o fórum, arrastaram o gabinete do juiz e o encontraram com Celso Vieira e Carlos Alberto Gasinel. Na sala havia grande quantidade de cédulas pelo chão e as urnas violadas, enquanto os três adulteravam os votos dados ao PMDB.

As pessoas indignadas com esta afronta a seus direitos começaram a espancar Celso e Carlos Alberto. O juiz tentou sacar seu revólver mas foi desarmado e espancado. Carlos Alberto tentou fugir pela janela mas foi agarrado pela multidão que tentou linchá-lo, mas foi salvo pelo prefeito Laudimir Turra, do PMDB.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois